



Globalização e cultura: novo panorama da relação China-Portugal e o impacto globalizante da Iniciativa Faixa e Rota no século XXI

VERSÃO CORRIGIDA E MELHORADA APÓS DEFESA PÚBLICA

Minglei Zheng (Nº 38076)

**Relatório do Estágio
Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais-
Globalização e Ambiente**

Orientado por:

Prof. Doutora Raquel Vaz-Pinto e Dr. Rui Lourido

Abril de 2019

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais (área de especialização: Globalização e Ambiente), realizado sob a orientação científica de Raquel Vaz-Pinto, professora auxiliar convidada do Departamento de Estudos Políticos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

DECLARAÇÕES

Declaro que este relatório de estágio é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 23 de março de 2019

Declaro que este Relatório se encontra em condições mínimas de ser apresentado a provas públicas.

A orientadora,

Lisboa, 23 de março de 2019

RESUMO

ABSTRACT

Relatório do Estágio do Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais (Globalização e Ambiente)

Internship Dissertation of the Master in Political Science and International Relations (Globalization and Environment)

Minglei Zheng

PALAVRAS-CHAVE: Globalização, Cultura, China, Portugal, Iniciativa Faixa e Rota,

O seguinte relatório é uma possível reconstituição de um período de seis meses ao serviço da associação Observatório da China, no âmbito de um estágio curricular para concluir o mestrado **em Ciência Política e Relações Internacionais (Globalização e Ambiente)**. O relatório é constituído por duas partes: por um lado, a descrição das principais experiências profissionais e os testemunhos dos trabalhos de uma associação privada que contribui significativamente para os intercâmbios culturais, académicos e institucionais entre a China e Portugal, no âmbito do estágio, dentro ou fora do local de trabalho. Por outro, compreende uma reflexão indagadora em torno das teorias aprendidas durante o mestrado, da própria pesquisa bibliográfica e documental, e as tarefas executadas ao longo de cerca de 800 horas de estágio.

KEYWORDS: Globalization, Culture, China, Portugal, Belt and Road Initiative,

The following report is a possible reconstitution of a six-month period in the “Observatory of China” association, in the framework of a curriculum internship carried out to complete the master's degree in Political Science and International Relations (Globalization and Environment). The report is composed of two parts: first, the description of the main professional experiences and witnesses of the work of a private association, which contributes significantly to the cultural, academic and institutional exchanges between China and Portugal, within the internship, inside or outside of the workplace. On the other hand, there is an inquiring reflection about the theories learnt during the master's degree, the bibliographical and documentary research by myself, and the tasks performed during about 800 hours of internship.

Agradecimentos

Ao Observatório da China e à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, por proporcionarem a possibilidade da realização de um estágio curricular que contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal, académico e profissional, no contexto de trabalho real.

À Doutora Raquel Vaz-Pinto, pela generosa e incansável orientação durante a redação do relatório de estágio, pelos ensinamentos enriquecedores, e o apoio dispensado ao longo do percurso.

Ao Doutor Rui D'Ávila Lourido, por me incorporar bem nas atividades do Observatório da China e da UCCLA, e pela sua generosa partilha de conhecimentos durante o período de estágio.

Ao Doutor Carlos Carreira, pelos simpáticos e oportunos esclarecimentos das minhas dúvidas sempre que eu precisava.

À Doutora Filomena Nascimento (colaboradora da UCCLA no mesmo escritório), à colega Raquel Carvalho pelo tempo dispensado para me ajudar, ao longo do estágio.

Lista de abreviatura

OC: Observatório da China

AIIB: Asian infrastructure investment bank

SCO: Organização de Cooperação de Xangai

OBOR: One Belt, One Road/UFUR: Uma Faixa, Uma Rota

BRI: Belt and Road Initiative / IFR: Iniciativa Faixa e Rota¹

OMC: Organização mundial de comércio

¹ O nome da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” foi oficialmente alterado para iniciativa “Faixa e Rota” na grande cimeira de 2017.

Índice

Lista de abreviatura	6
Índice	7
1. Introdução	1
2. Enquadramento teórico	2
2.1 Predefinição/contextualização do termo “Globalização” no presente trabalho	2
2.2 Globalização e cultura	3
2.3 O papel histórico da China e de Portugal no “palco” da globalização	5
2.4 Os Intercâmbios culturais e institucionais entre Portugal e a República Popular da China na atualidade	7
2.5 Outros enquadramentos: a atualidade das relações económicas e diplomáticas Portugal-China	8
2.6 A Iniciativa Faixa e Rota: um reforço e uma nova fase de globalização motivado pela China	11
2.6.1 Breve sinopse da origem histórica	11
2.6.2 Duas Rotas da Seda	13
2.6.3. A Iniciativa Faixa e Rota	13
2.6.3.1 Âmbito e conteúdo	14
2.6.3.2 O percurso do desenvolvimento e motivos	15
2.6.3.3 Dois componentes	17
2.6.3.4 Implicações económicas e políticas	17
2.6.3.5 Metas específicos	18
2.6.3.6 Sucessos	19
2.6.3.7 Problemas e desafios	19
2.6.3.8 Implicações para a Europa	20
2.7 O impacto da iniciativa em Portugal e na relação entre Portugal e a China	21
3. Caso Prático – Descrição do estágio	22
3.1 Caraterização da zona geográfica	22
3.2 Caraterização da entidade de estágio	23
3.3 Programa de Estágio	27
3.4 Acolhimento pela entidade	27
3.5 Descrição das atividades realizadas	27

3.5.1 Gestão do email, atendimento telefónico, e arquivamento de documentos	28
3.5.2 Finalização da exposição “Cantão e a Rota Marítima da Seda” na Évora.....	30
3.5.3 Manutenção dos meios de comunicação e divulgação: Site, Facebook, blog, email	
32	
3.5.4 Receção de 3 delegações chinesas.....	34
3.5.5 Redação e tradução da newsletter semestral	35
3.5.6 Pesquisa bibliográfica e atualização dos dados científicos quanto à relação China- Portugal.....	36
3.5.7 Acompanhamento nas conferências, fotografia e redação de notícias e publicação nos meios de divulgação	37
3.5.8 Apoio à entidade participante na exposição chinesa “Infância na minha família” para recolha e validação de obras de São Tomé	39
3.5.9 Promoção do curso de português e-learning “O Meu Português” ao mercado chinês	41
3.6 Análise Crítica.....	42
4. Conclusão	43
5. Bibliografia	45
6. Anexos	51

1. Introdução

O presente relatório de estágio corresponde à última fase profissionalizante do mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais (Globalização e Ambiente), oferecido pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Este documento é escrito na sequência da realização de um estágio curricular de seis meses na associação Observatório da China, uma das minhas primeiras escolhas para ser a entidade acolhedora. Candidatei-me previamente à Comissão Nacional da Unesco, contudo, ambas as partes consideraram desadequado pelo facto de que se tratavam de um cargo cujo conteúdo era exclusivamente comunicação, divulgação e manutenção do site oficial, e fora do âmbito de relações China-Portugal, sendo pouco pertinente ao tema do meu trabalho.

No artigo 3º do protocolo assinado por mim, pela FCSH e pelo presidente da OC, ficou acordado que *“No final do estágio, o estagiário deverá apresentar ao 1.º outorgante um relatório que compreenderá uma reflexão crítica e informada da atividade realizada no seu âmbito, de acordo com os parâmetros estabelecidos no regulamento interno da componente não letiva do curso de mestrado”*. O estágio decorre da conjugação da disponibilidade do candidato a estágio e do interesse em adquirir novas competências por via do contacto com a vida prática.

Também é necessário fazer um enquadramento justo: O *“estagiário não é trabalhador do Observatório da China, nem o 2º outorgante entidade patronal relativamente àquele, pelo que não tem o mesmo nenhum dos direitos conferidos aos vinculados através de contrato de trabalho. O estagiário expressamente reconhece e aceita tal circunstância para todos os efeitos legais”*.

Aproveito também a introdução, para mencionar as minhas expetativas prévias ao estágio. Como estou sempre com as relações China-Portugal no meu pensamento (que são 2 importantes “drivers” no processo de globalização) e especialmente me interesse por tópicos culturais, decidi candidatar a instituições que combinem esses elementos. Primeiro fui chamado para a entrevista do OC e depois a da Comissão Nacional de UNESCO, na primeira correu inesperadamente bem e tinha sido uma adequação mútua, porém na segunda, por razões já mencionadas acima, não considerei como uma opção ideal.

Confirmada a oportunidade de estagiar no OC – uma associação privada sob tutela da Câmara Municipal de Lisboa, fixamos o início do estágio para 8 de novembro de 2017 e o fim do mesmo a 23 de abril de 2018, a exercer a função de assistente do presidente.

O relatório que aqui arranca é constituído por duas partes: por um lado, a descrição das principais experiências profissionais e os testemunhos dos trabalhos de uma associação privada que contribui para os intercâmbios culturais, académicos e institucionais entre a China e Portugal, no âmbito do estágio, dentro ou fora do local de trabalho. Por outro, compreende uma

reflexão indagadora em torno das teorias aprendidas durante o mestrado, da própria pesquisa bibliográfica e documental, e as tarefas executadas ao longo de cerca de 800 horas de estágio.

Na análise desta experiência profissional serão abordadas, mais ou menos exaustivamente, os funcionamentos desta associação privada, as relevâncias e contribuições para a relação sociocultural (assim como intercâmbios académicos, económicos e políticos) entre a China e Portugal (tal como o presidente do OC, Dr. Rui Lourido disse, conhecer a cultura é uma boa forma para fomentar compreensão mútua e diminuição de preconceitos), os progressos já conseguidos, e as minhas reflexões a partir dos trabalhos diários.

Em anexo são ainda facultados alguns exemplos, que ilustram, dentro do possível, a diversidade de tarefas efetuadas no âmbito dos seis meses de observação, aprendizagem e reflexão.

2. Enquadramento teórico

2.1 Predefinição/contextualização do termo “Globalização” no presente trabalho

O termo “globalização” começou a ser utilizado a partir de meados da década de 80 e especialmente a partir da década de 90 do século XX. Em 2000, o Fundo Monetário Internacional (FMI) apontou quatro aspetos básicos da globalização:

1. comércio e transações financeiras,
2. movimentos de capital e investimento,
3. migração e movimento de pessoas,
4. disseminação de conhecimento².

Segundo Campos, Luís, (2007:10-14), embora sejam múltiplas as abordagens e definições de Globalização propostas pela bibliografia, vale a pena sublinhar alguns aspetos comuns:

- *Trata-se de um processo à escala mundial, ou seja, transversal ao conjunto dos Estados-Nação que compõem o mundo;*
- *uma dimensão essencial da globalização é a crescente interligação e interdependência entre Estados, organizações e indivíduos do mundo inteiro, não só na esfera das relações económicas, mas também ao nível da interacção social e política. Ou seja, acontecimentos, decisões e actividades em determinada região do mundo têm significado e consequências em regiões muito distintas do globo.*
- *uma característica da Globalização é a desterritorialização, ou seja, as relações entre os homens e entre instituições, sejam elas de natureza económica, política ou cultural, tendem a desvincular-se das contingências do espaço;*

² INTERNATIONAL MONETARY FUND, *Globalization: Threats or Opportunity*, IMF Publications, 2000.

- *os desenvolvimentos tecnológicos que facilitam a comunicação entre pessoas e entre instituições e que facilitam a circulação de pessoas, bens e serviços, constituem um importante centro nevrálgico da Globalização.*

Campos, Luís, (2007) no seu trabalho parte desta conceção, que pessoalmente considero objetivo e justo:

A Globalização tem uma história e esta insere-se na trajetória do capitalismo e da economia de mercado.

A Globalização não é um fenómeno puramente económico e tecnológico, é um processo complexo e multidimensional (envolvendo diferentes atores e tocando diversos âmbitos da vida dos homens e mulheres contemporâneos),

A Globalização não evolui de forma imparcial, os seus impactos podem e devem ser discutidos.

É importante sublinhar que nem todas as dimensões e consequências do processo de Globalização estão dadas de uma vez por todas. A Globalização é um processo em curso, dinâmico e mutável.

Concluindo, será adotada esta definição da globalização, sendo adequado ao contexto do presente trabalho: “A Globalização pode definir-se como um processo social através do qual diminuem os constrangimentos geográficos sobre os processos sociais e culturais, e em que os indivíduos se consciencializam cada vez mais dessa redução.” (Malcom Waters, 1999, apud Campos, Luís, Sara 2007:13-14)

2.2 Globalização e cultura

Falando da globalização, é inevitável referir a noção de “globalização cultural”. Para Lieber (2002:274), o impacto da globalização na cultura foi visto principalmente como um efeito colateral. Entre os estudiosos deste tema, as reações tendem a ser muito diversas. Por exemplo, um observador do fenómeno afirma que, “... a globalização promove a integração e a remoção não só de barreiras culturais, mas também muitas dimensões negativas da cultura. A globalização é um passo vital para um mundo mais estável e uma vida melhor para o povo dentro dela”³. E os outros, no entanto, têm tratado a globalização cultural como um fenómeno negativo por causa dos seus medos do poder penetrante e duplicidade de cooperações multinacionais e instituições internacionais, tais como o Fundo Monetário Internacional (FMI). Nos últimos anos, esta reação tem sido vista em manifestações nas ruas

³David Rothkopf, “In Praise of Cultural Imperialism?” *Foreign Policy*, No. 107 (Summer 1997): 38–53, at 39; Benjamin Barber, *Jihad Versus McWorld* (New York: Times Books, 1995), (apud Lieber, 2002)

de Seattle, Washington, Génova e Barcelona, por vezes violentas quando os líderes dos países mais ricos do mundo (por exemplo, a União Europeia) realizaram as suas reuniões.

Quanto à cultura, esta pode ser vista como um conceito que está sempre em evolução e desenvolvimento, pelo que a sua definição também. No livro <<Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions>>, Louis Kroeber e Clyde Kluckhohn (1952), a compilação de 164 definições de cultura mostra a dificuldade de obter uma definição suprema e consensual, por isso, resta apenas a possibilidade de encontrar uma definição com algum consenso generalizado.

Hoje em dia, o conceito de “cultura” engloba os gostos, formas de expressão valorizadas e convencionadas numa determinada sociedade, a sua história num período particular, os seus costumes e rituais, as diversas formas de arte do povo, bem como as suas crenças, ideais e valores. A fim de organizar as várias definições possíveis do termo cultura, Gail Robinson (1988:7-13, apud Costa 2013) convergiu-as em dois níveis básicos: o nível externo, que engloba a língua, os gestos, os hábitos, e os produtos como o folclore, a arte e os artefactos; e o nível interno, que se refere às ideias, tais como as crenças, valores e instituições partilhadas por um grupo de indivíduos.

A influência da globalização na cultura é muito visível, na maneira como os hábitos de vestir e os hábitos alimentares convergem em tendências de grande escala mundial. Os restaurantes da chamada *fast-food*, têm-se espalhado pelo mundo a um ritmo surpreendentemente rápido. Este facto é mais comum nos países pobres e subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, onde por vezes um *McDonald's* chega antes de um sistema político estável ou a paz.

George Ritzer (1993, apud Costa 2013), no seu livro *McDonaldization of Society*, apresenta aquilo que em Sociologia se chama de McDonaldização. Segundo o autor, o termo McDonaldização refere-se ao processo em que os princípios de *fast-food* tendem a dominar cada vez mais setores das sociedades por todo o mundo. Ritzer destaca quatro principais componentes destes princípios:

- *Eficiência: pedido e consumo de refeições no mínimo tempo possível. Para o autor, trata-se de encontrar a maneira mais rápida de passar de “estar com fome” a “estar cheio”;*
- *Quantificação: dá-se maior importância à quantidade do que à qualidade. Os restaurantes de fast-food querem que os seus clientes acreditem que estão a adquirir uma grande quantidade de comida por um preço bastante reduzido;*
- *Previsibilidade: unificar o serviço e os procedimentos. Os produtos devem ser idênticos em todos os restaurantes e reproduzíveis à escala mundial;*
- *Controlo: controlo das práticas standardizadas, tanto dos funcionários como dos clientes.*

Contudo, a unificação cultural motivada por estes princípios só pode denotar num nível superficial. De facto, os quatro princípios da McDonaldização não são aplicáveis em todo o lado, muito por causa de aspetos culturais bem enraizados em determinada sociedade. Por exemplo, o princípio da quantificação não parece ser sempre aplicável: um americano ou um

chinês não ficaria muito satisfeito com a quantidade de comida fornecida nos menus em Portugal. O princípio menos aplicável é talvez o da previsibilidade, porque a gama de produtos oferecidos é cada vez mais diferente e variada de país para país.

2.3 O papel histórico da China e de Portugal no “palco” da globalização

Em relação ao mundo ocidental, a China é um “recém-chegado” na era de globalização moderna, mas também um beneficiário e contribuinte deste processo. Na verdade, quando olhamos para trás, a contribuição da China para a globalização, pode remontar ao início da mesma⁴. Historicamente, a China era o centro da civilização oriental, e a Europa era o centro da civilização ocidental, sendo as 2 partes vinculadas através da Rota da Seda, desde há mais de 2000 anos. Mais tarde, a Rota da Seda foi cortada a par da ascensão do Império Otomano e, entretanto, os europeus foram forçados a explorar o oceano, e começou, desde então, o processo de globalização⁵. O surgimento da “Rota da Seda” implica o início da globalização económica (na fase precoce), e é o capítulo mais transcendente da história cultural do mundo, uma vez que contribuiu para o intercâmbio e a fusão entre várias civilizações oriundas da Ásia, Europa e África, ou seja, desempenhou um importante papel na promoção do intercâmbio das civilizações humanas e da economia ao longo da história (Li, 2005). Portanto, considera-se que, desde o tempo da Rota da Seda, a China já tinha um papel importante na fase anterior ao início da globalização.

A China durante um determinado período foi o maior adversário mundial da globalização, e a maior perturbadora das instituições globais ocidentais, hoje em dia transformou-se, porém, num membro comprometido dessas instituições e defensor da globalização. Apesar de adesão tardia, a China entrou no processo de globalização com muito mais entusiasmo do que o Japão. Por exemplo, a economia da China é muito mais aberta do que o Japão: o volume comercial da China em 2004 foi 70% do seu PIB, mas no caso do Japão: 24%. A globalização da China não se limita à abertura económica, mas também se abre para a globalização das instituições. A estratégia de desenvolvimento contemporâneo da China tem uma notável semelhança com a de Meiji (meados do século XIX) no Japão. (Overholt, 2005)

A China tem uma visão e atitude aberta em relação à globalização. Tal como Overholt (2005) ainda indica, a China tinha vindo a acreditar na globalização (a posterior iniciativa “Uma Faixa Uma Rota” é uma prova disso) mais do que a maioria dos países do terceiro mundo e muitos países de primeiro mundo. Sucessos da China têm tudo coincidido com a política de “reforma e abertura”, isto é, com a globalização.

⁴ Campos (2007:19) e muitos outros autores defendem que, o fenómeno de globalização não é completamente novo ou recente.

⁵ Yiwei Wang, “*Interconexão abre nova fase de globalização*”, 2014, disponível em http://paper.people.com.cn/rmrbhwb/html/2014-11/17/content_1499733.htm [Acedido em: 20 de fevereiro de 2019]

No entanto, Garrett (2001) apresenta perspetivas diferentes. Enquanto a maioria dos funcionários e economistas chineses inicialmente viam a globalização principalmente como um fenómeno económico, durante um determinado período, suas perspetivas tornaram-se mais abrangentes e diferenciadas. A maioria dos intelectuais e funcionários deixaram de crer que esse processo é totalmente benéfico. Esse entusiasmo desenfreado foi posto em causa na sequência da crise financeira de 1997 do Leste asiático e seu impacto devastador em alguns países da Ásia Oriental, especialmente na Indonésia. Estes acontecimentos levaram a maioria dos intelectuais e funcionários a serem mais cautelosos sobre o impacto económico da globalização.

Nas últimas 3 décadas, com as reformas de abertura económica de Deng Xiaoping, a China transformou progressivamente o seu sistema económico, para um Leninismo de Mercado na expressão de Richard McGregor. Em 2017, a exportação chinesa totaliza 2,216 biliões de dólares (primeiro mundial), e a importação totaliza 1,74 biliões de dólares (segundo mundial)⁶. Ainda em 2018, o valor de importação e exportação do comércio externo da China totaliza 4,62 biliões de dólares, sendo um crescimento homólogo de 12,6%, do qual a exportação totaliza 2,48 biliões, um aumento de 9,9% e a importação de 2,14 biliões, um aumento de 15,8%⁷. A China está agora a modificar o modelo económico, que antes assentava no investimento e nas exportações, para um modelo que assenta no consumo interno. O aumento desejado da classe média chinesa, nos próximos anos, irá fazer deste país um mercado ainda mais procurado também pelas empresas portuguesas.

E deve-se destacar que a recente iniciativa chinesa “Faixa e Rota” irá traçar uma marca indelével no palco da globalização. A iniciativa “Uma faixa uma rota” é um novo modelo de globalização motivada pela China, e um suplemento importante para a globalização. Até há pessoas que a consideram como “globalização versão 2.0”, ou seja, uma nova fase de globalização. Vou dar continuidade ao tópico mais em diante.

Por outro lado, quando olhamos para a história de Portugal, o pioneirismo português no processo de globalização é comumente reconhecido. Nos séculos XV e XVI, uma iniciativa de descoberta de caminhos marítimos, no sentido Ocidente-Oriente, conduziu o país, à construção de um novo mundo. Esta terá sido a primeira globalização que a história conheceu, tornando Lisboa como primeira cidade global do século XVI, enquanto centro económico dessa expansão.

Os portugueses levaram as tulipas, o cacau, o tabaco e os diamantes para a Holanda, o hábito de beber chá para Inglaterra, o caril para a Índia (piripiri do Brasil com outras especiarias) e tempura e espingardas para o Japão. Deste movimento português resultou, uma comunidade

⁶ Fonte destes dados World FactBook da CIA, disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/ch.html> [Acedido em: 1 de março de 2019]

⁷ Gabinete de Imprensa do Estado, “*conferência de imprensa sobre a situação de importação e exportação em 2018*”, 2019, disponível em http://www.gov.cn/xinwen/2019-01/14/content_5357666.htm#1 [Acedido em: 16 de abril de 2019]

de língua e cultura de matriz portuguesa, que hoje ronda 255 milhões de pessoas espalhadas por todos os continentes do mundo, em locais estrategicamente relevantes e que produzem cerca de 4% da riqueza mundial. Chegados à Índia em 1498 e aos mares do sul da China em 1513, os portugueses estabeleceram-se inicialmente em Sanchuan e Lampacão e, posteriormente, em 1557, em Macau. Em virtude da fixação de portugueses aí, Macau desenvolveu-se muito como entreposto comercial entre a Ásia, a Europa, a África e a América do Sul, como resultado do seu domínio comercial na rota marítima no Atlântico e no Índico⁸.

Rodrigues (2009:25-26) ainda descreve desta forma o pioneirismo português desta forma:

“...A Expansão Portuguesa é, então, enquadrada nos nove ciclos longos geopolíticos ocorridos desde o início do capitalismo, nos tempos da dinastia Sung chinesa do século IX, até ao domínio hegemónico norte-americano no século XX. O ciclo longo português é, curiosamente, o quinto, sem que isso nada tenha a ver com os mitos do «Quinto Império», e apresenta dois ingredientes originais, absolutamente novos: os portugueses inovaram na própria arte de inovar e iniciaram a globalização, algo que os precursores — chineses, italianos, catalães e mesmo muçulmanos -- acabaram por não concretizar...”

Concluindo, a China e Portugal foram ambos atores importantes no palco de globalização.

2.4 Os Intercâmbios culturais e institucionais entre Portugal e a República Popular da China na atualidade

A relação cultural entre os dois países baseia-se principalmente no passado histórico que têm em comum. Devido à história de Macau, a região tem vindo a desempenhar uma plataforma importante no intercâmbio cultural entre a China e Portugal, através de várias atividades e programas destinados ao apoio à organização de encontros de escritores, à formação de formadores para o ensino da língua portuguesa na China, na realização de conferências internacionais, na realização de festivais com artistas de origem portuguesa e chinesa.

Alguns exemplos de atividades contributivas destas duas culturas são, por exemplo, as organizadas pelo Observatório da China.

Desde que foi fundada, a associação tem realizado inúmeros projetos culturais e científicos tais como espetáculos com músicos de ambos os países, dentre os quais cinco espetáculos da Ópera de Pequim, que tiveram lugar em Lisboa (CCB), Coimbra, Guimarães, Évora e Faro, várias exposições fotográficas organizadas pelo OC, o lançamento e coordenação de edição de publicações em papel sobre China e Portugal, a Biblioteca Digital sobre a história

⁸ Amigos da Nova Rota da Seda, “*Uma Faixa Uma Rota - A Nova Rota Marítima do Século XXI*”, 2017, disponível em http://www.anrs.pt/documentation/Relat%C3%B3rio_ANRS_2017.pdf [Acedido em: 1 de março de 2019]

de Macau e a China, desenvolvida em conjunto com a Biblioteca Nacional de Portugal e patrocinada pela fundação de Macau, o apoio a eventos literários, como o Encontro de Escritores de Língua Portuguesa que teve lugar no Brasil, a participação em redes internacionais para os Estudos Chineses como a “East Asia Net” e o “China-Europa Forum”, entre muitos outros. No passado dia 21 de setembro de 2017 inaugurou uma exposição com artefactos antigos do Museu de Cantão, alguns deles com mais de 2000 anos, e peças demonstrativas das relações entre a China, Portugal e o Ocidente. O OC apoiou e acompanhou a criação (outubro de 2016) de uma associação de universidades lusófonas com universidades da província de Jiangsu e com Macau.

Segundo informações do OC em 2018, quanto às relações institucionais, várias instituições universitárias portuguesas passaram a dar maior atenção à China e, em termos de Institutos Confúcio, já estão presentes de norte a sul do país, na Universidade do Minho, na Universidade de Aveiro e na Universidade de Lisboa. O ISCTE tem programas de doutoramento em gestão de empresas na Universidade de Chengdu e em Cantão. A Universidade do Minho possui uma licenciatura e um mestrado em Estudos Chineses e a Universidade de Évora, para além de geminações com Universidades Chinesas (como as Universidades de Nanjing, Xiaozuhang e Yangzhou), possui um curso integrado de língua chinesa, com intercâmbio de matérias e professores, que está em curso desde o ano letivo de 2016.

Os intercâmbios culturais entre a China e Portugal estão a tornar-se cada vez mais frequentes, a cooperação entre os dois países na educação está a crescer, e o interesse dos portugueses pela China e cultura chinesa também tem sido cada vez mais reforçado, acompanhando o crescente interesse de instituições portuguesas em desenvolver iniciativas culturais ou económicas relacionadas com a China. Sob a forte promoção do Instituto Confúcio em Portugal, o número de estudantes portugueses de mandarim aumentou ano após ano, assim como o número de estudantes chineses que estudam em Portugal (de 200 pessoas em 2015, para mais de 2900 pessoas em 2018). Segundo dados estatísticos da Embaixada Chinesa em Portugal, em 2018, na China já existe mais de 30 faculdades onde se ensinam português durante licenciatura, e em Portugal 21 escolas e faculdades onde se lecionam mandarim⁹. O contínuo aprofundamento da cooperação entre a China e Portugal na área das humanidades não só constrói uma ponte da comunicação para entendimento entre os dois povos, mas também fornece uma poderosa força motriz para o desenvolvimento global das relações bilaterais.

2.5 Outros enquadramentos: a atualidade das relações económicas e diplomáticas Portugal-China

⁹ Embaixada da China em Portugal, “Embaixada da China em Portugal organizou a exposição fotográfica no âmbito da iniciativa Faixa e Rota na Escola Internacional do Porto”, 2019, disponível em <http://pt.china-embassy.org/chn/gdxw/t1641593.htm> [Acedido em: 1 de março de 2019]

Segundo artigos do Dr. Rui Lourido¹⁰, Portugal é a nação europeia com relações diretas e contínuas mais antigas com a China, tendo sido sempre Macau o principal centro de difusão da cultura portuguesa e europeia na China, e da cultura chinesa em Portugal, na Europa e no Mundo Lusófono.

A 7 de fevereiro de 1979, Portugal e a China estabeleceram, formalmente, relações diplomáticas. Em 2017 comemoraram-se doze anos do estabelecimento da Parceria Estratégica Portugal-China (2015), e em 2019, irão comemorar 40 anos do estabelecimento das relações diplomáticas.

Portugal tem sido um destino importante de investimento chinês na Europa na última década, é de salientar que Portugal foi o 4º destino mais importante captando 5,38 mil milhões de euros. Os negócios da EDP, REN e Caixa Seguros são uns exemplos recentes e ilustrativos desta realidade próspera. De facto, para aprofundar as relações bilaterais entre Portugal e a China, dois ministros e cinco secretários de estado de Portugal visitaram a China no fim de 2014 (Sol 2014, apud Loureiro 2015). A China é, realmente, um país de enorme dimensão. Conquistar uma quota deste mercado, mesmo sendo decimal, terá um grande impacto no crescimento e desenvolvimento económico de Portugal. Portugal e China assinaram um acordo de parceria estratégica global em 2005 (ver anexo 1), e irão continuar a “manter contactos de alto nível, aprofundar a confiança mútua e reforçar a comunicação sobre importantes temas regionais e internacionais, construindo uma base política cada vez mais sólida para o relacionamento bilateral” (Sol 2014, apud Loureiro 2015).

A China tem aumentado o seu investimento em Portugal contabilizado em 5300 milhões de euros entre 2012 e 2014. Em 2018, o comércio bilateral atingiu, até março, 1,34 mil milhões de dólares – mais 15,3 por cento – numa balança comercial favorável a Pequim. A China vendeu a Lisboa bens na ordem de 815 milhões de dólares – mais 13,3 por cento – e comprou produtos avaliados em 528 milhões de dólares, mais 18,6 por cento face aos primeiros três meses do ano passado¹¹. Os setores com maior capacidade de atração do investimento chinês foram a energia, os seguros, a saúde e o setor financeiro. Num momento de crise, as empresas chinesas demonstram um interesse estratégico e permanente em Portugal, como prova o investimento de longo prazo da República Popular.

Relativamente ao investimento chinês em Portugal, presenciamos a um crescimento exponencial em áreas do interesse estratégico da China: a *China Three Gorges Corporation* reforçou o seu investimento na EDP; a *State Grid* comprou 25% da REN; dois bancos chineses, o *Bank of China* e o *Industrial and Commercial Bank of China*, abriram escritórios

¹⁰ Rui d' Ávila Lourido, "China, suas relações com a Europa, Portugal e a Lusofonia", ed. do Observatório da China, no prelo (2019); Rui d' Ávila Lourido, "China: Sociedade e Economia em progresso?", ed. do Observatório da China, no prelo (2019);

¹¹ Hoje Macau, “Comércio entre China e países de língua portuguesa subiu 25,9% até Março”, 14 de Junho de 2018, disponível em <https://hojemacau.com.mo/2018/06/14/comercio-entre-china-e-paises-de-lingua-portuguesa-subiu-259-ate-marco/> e Fórum Macau [Acedido em: 1 de março de 2019]

em Lisboa, e atualmente¹², a Fosun já detém 27% daquele que é o maior banco privado em Portugal, o Banco Comercial Português¹³. Essa realidade pode resultar num significativo aumento das atividades financeiras entre os dois países.

A ligação aérea direta entre Portugal e a China, mais especificamente entre Lisboa e Beijing e Hangzhou, operada pela companhia Capital Airlines, tem tido um sucesso marcante, fazendo com que a empresa concorrente, nomeadamente a Air France, propusesse dezenas de voos com ligação entre Lisboa e a China¹⁴.

O investimento chinês é proposto em mais setores: Zeng Yonggang, da *Associação de Novos Empreendedores de Xangai*, referiu a possibilidade de investimento até 10.000 milhões de euros em Portugal. Entre as várias áreas possíveis, aparece a compra de participações no capital das SAD (Sociedades Anónimas Desportivas). O futebol ibérico cativa especial atenção¹⁵.

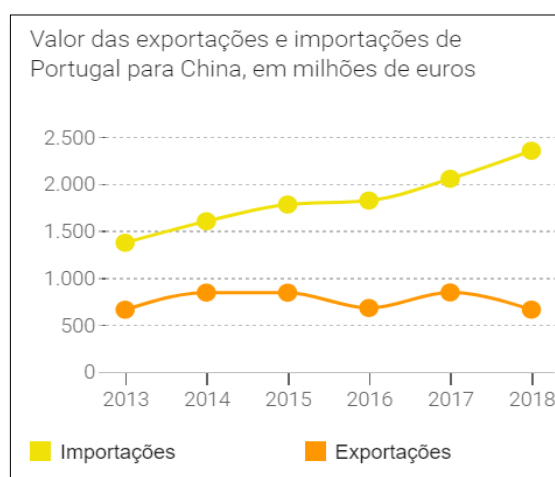


Figura 1 – Comércio Portugal-China

Fonte: INE a 19/03/2019¹⁶

¹² Ana Baptista, “Acionista chinês investe 300 milhões de euros na EDP neste ano”, in *Diário de Notícias*, 9 de Maio de 2016, disponível em <https://www.dn.pt/dinheiro/interior/acionista-chines-investe-300-milhoes-de-euros-na-edp-neste-ano-5164353.html> [Acedido em: 1 de março de 2019]

¹³ Luís Villalobos, “Fosun assumiu-se como o maior investidor privado chinês em Portugal”, in *Público*, 4 de Dezembro de 2018, disponível em <https://www.publico.pt/2018/12/04/economia/noticia/fidelidade-bcp-fosun-assumiuse-maior-investidor-privado-chines-portugal-1853293> [Acedido em: 1 de março de 2019]

¹⁴ Raquel Almeida Correia, “Chineses da TAP autorizados a lançar primeiro voo direto para Portugal”, in *Público*, 3 de Junho de 2016, disponível em <https://www.publico.pt/2016/06/03/economia/noticia/chineses-que-voao-entrar-na-tap-ja-tem-luz-verde-para-lancar-primeiro-voo-directo-para-portugal-1733886> [Acedido em: 1 de março de 2019]

¹⁵ Dinheiro Vivo/Lusa, “Associação chinesa admite investir até 10 mil milhões de euros em Portugal”, 10 de Maio de 2016, disponível em <https://www.dinheirovivo.pt/economia/associacao-chinesa-admite-investir-ate-10-mil-milhoes-euros-portugal/> [Acedido em: 1 de março de 2019]

¹⁶ Cit. in Maria Caetano, “Embaixador chinês confirma memorando sobre Faixa e Rota”, in *Dinheiro Vivo*, 3 de Dezembro de 2018, disponível em <https://www.dinheirovivo.pt/economia/embaixador-chines-confirma-memorando-sobre-faixa-e-rota/> [Acedido em: 16 de abril de 2019]

2.6 A Iniciativa Faixa e Rota: um reforço e uma nova fase de globalização motivado pela China

Por mais de 2.000 anos, os laços comerciais entre a China e o mundo exterior foram simbolizados pela antiga Rota da Seda, que começou como uma tortuosa rede comercial composta por caminhos montanhosos e rotas marítimas, que atribuiu uma vitalidade para a economia da antiga China. Hoje, o governo central chinês em Pequim está revitalizando o conceito com um plano estratégico ambicioso a fim de construir e modernizar rodovias, ferrovias, portos e outras infraestruturas em toda a Ásia e Europa, sendo o plano projetado para enriquecer as economias da China e de cerca de 60 parceiros comerciais próximos. O plano potencialmente de multi-biliões dólares, que o governo chinês chama “Iniciativa Faixa e Rota”, gerou entusiasmo e grandes esperanças pelos benefícios que isso poderá trazer, mas também ceticismo e desconfianças em toda a região eurasiática, uma vez que, esta cooperação internacional não pode ser isenta de riscos. Os países participantes na iniciativa precisam de enfrentar questões de desenvolvimento, questões étnicas e religiosas e conflitos regionais em regiões subdesenvolvidas.

Segundo a maioria das perspectivas académicas chinesas, a iniciativa "Uma faixa uma rota" é um novo modelo de globalização motivada pela China, e um suplemento importante para a globalização. Até há pessoas que a consideram como “globalização versão 2.0”, ou seja, uma nova fase de globalização.

Quais são as motivações da iniciativa chinesa? (o nome completo “Faixa Económica da Rota da Seda e a Rota Marítima da Seda para o Século XXI”). Será o objetivo de a China utilizá-lo como um equivalente altruístico do Plano Marshall dos EUA após a Segunda Guerra Mundial, para reconstrução da Europa pelos Estados Unidos? Ou é um plano apenas para consolidar a liderança chinesa? Mas uma conclusão é certa, o mundo está a prestar atenção enquanto a China contribui com um grande esforço para melhorar as infraestruturas de três quartos da população mundial, aumentando a dependência económica mútua em relação à China e uns aos outros. Se for bem-sucedida, tudo o mundo pode se beneficiar.

2.6.1 Breve sinopse da origem histórica

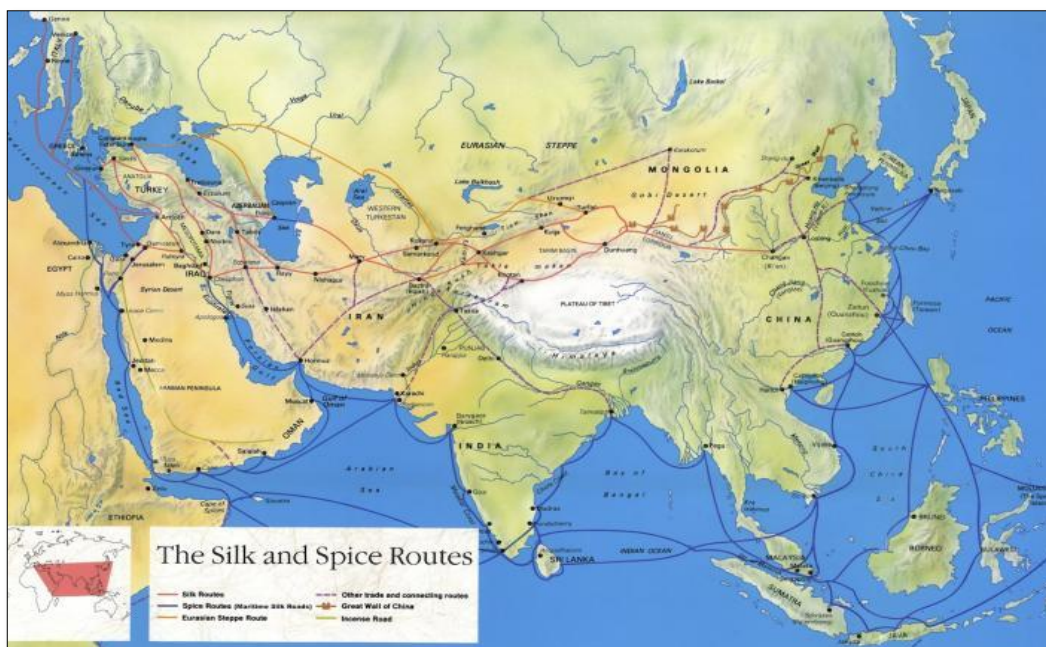


Figura 2 - A Rota da Seda antiga
 Fonte: UNESCO ¹⁷



Figura 3 - A Nova Rota da Seda
 Fonte: The Wall Street Journal ¹⁸

¹⁷ UNESCO, “sobre a Rota da Seda”, disponível em <http://zh.unesco.org/silkroad/guan-yu-si-chou-zhi-lu>, [Acedido em: 16 de abril de 2019]

¹⁸ Jeremy Page, “China Sees Itself at Center of New Asian Order Beijing Builds Roads, Pipelines, Railways and Ports to Bind Itself to Region”, in *The Wall Street Journal*, 9 de Novembro de 2014, disponível em <http://www.wsj.com/articles/chinas-new-trade-routes-center-it-on-geopolitical-map-1415559290> [ultimo acesso: 18 de Julho de 2019]

A Rota da Seda é o nome contemporâneo para um complexo de antigas rotas comerciais que ligavam o Leste Asiático à Ásia Central, ao Sul da Ásia e ao mundo mediterrâneo. Segundo os dados da UNESCO, a antiga Rota da Seda terrestre passava por mais de 40 países e 100 cidades. Na minha perspectiva, A Rota da Seda não só funcionou como uma via comercial, mas também uma via de intercâmbio religioso, cultural, tecnológico, etc.

Segundo as palavras de Li, Mingwei (2005), a Rota da Seda, enquanto importante via de comércio e de migração étnica, teria se formado antes ou até o século 5 a.C. Existem muitas literaturas dos séculos anteriores, tais como narrativas poéticas de mito citadas pelo Heródoto, apontando que no século 7 a.C, o povo “Sacas” migrava no mar negro e na região estepe da Ásia Central, desempenhando um papel intermediário para o intercâmbio entre os gregos e chineses; as obras do geógrafo Marinus da antiga cidade Tiro que indica o comércio eurasiático naquele tempo; e as literaturas antigas chinesas. No entanto, as provas definitivas convencionais da existência da Rota da Seda ainda são: as sedas chinesas, espelhos de bronze (e outros objetos arqueológicos) do século 5 a.C, enterrados em túmulos Altai, município Alagou da província Xinjiang da China.

Desde então, esta rota que atravessava o continente eurasiático e se estendia mais de sete mil quilômetros, e fez misturar várias culturas humanas (Europa Ocidental do Império Romano , cultura chinesa, cultura indiana, a cultura islâmica semítica), e conhecida como " artéria de intercâmbio cultural " e " Canal da civilização humana ", desempenhou um importante papel na promoção de intercâmbio das civilizações humanas e da economia e cultura ao longo da história, e o estudo sistemático sobre a Rota da Seda tem feito progressos significativos no último século.

2.6.2 Duas Rotas da Seda

Este termo pode ser visto no sentido lato ou estreito, no sentido estreito refere-se a rota terrestre, no sentido lato refere-se as rotas terrestre e marítima. Aqui trata-se do sentido lato.

Na história, realmente houve duas Rotas da Seda. A primeira, que remonta aos primeiros anos da Dinastia Han, começou com a vitória do Império da China sobre o povo Xiongnu e, sempre para oeste, seguiu o percurso terrestre até aos limites do Império Romano; a segunda, seguiu a alternativa marítima. Limitados às capacidades da navegação e da tecnologia naval disponíveis, os portos marítimos concentravam-se nas zonas costeiras da ilha de Hainão e do atual Vietname. Devido ao progresso registado na construção naval durante a Dinastia Tang, Cantão passou a predominar no mapa da segunda Rota da Seda e muito rapidamente tornou-se no principal porto comercial do Sudeste Asiático, da Ásia do Sul e mesmo do Médio Oriente. Aí, definiu-se a Rota da Seda marítima para o mundo árabe e Europa. (Thomas Chan e Louise do Rosário, 2012)

2.6.3. Iniciativa Faixa e Rota

2.6.3.1 Âmbito e conteúdo

Segundo fontes oficiais chinesas, a designação completa desta estratégia é **“Faixa Económica da Rota da Seda e a Rota Marítima da Seda para o Século XXI”**, é uma estratégia/programa-quadro de desenvolvimento e cooperação político-económica internacional, proposta pelo presidente atual da China - Xi Jinping. O conceito de *Silk Road Economic Belt*, foi anunciado pela primeira vez pelo Presidente Xi Jinping, em setembro de 2013, no Cazaquistão, num discurso realizado na Universidade Nazarbayev. Neste discurso, Xi sugeriu que a China e os países da Ásia Central deveriam cooperar de maneira a que pudesse ser criado uma Faixa Económica da Rota da Seda. Poucos meses mais tarde, em outubro do mesmo ano, num discurso no Parlamento da Indonésia, o Presidente Xi Jinping anunciou a intenção de criar uma Rota Marítima da Seda (China State Council, 2015). A iniciativa foca principalmente na conexão e cooperação entre os países inclusivamente China e o resto da Eurásia, e que consiste em 2 componentes (terrestre e marítimo, acima referido).

Na grande cimeira de 2017, o nome da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” foi oficialmente alterado para “Iniciativa Faixa e Rota”.

A estratégia cobre vários países com enorme potencial para o desenvolvimento económico. Em 2017, a soma do PIB dos 71 países envolvido na “Faixa e Rota” está estimada em 14,5 biliões de dólares, representando 18,4% do PIB mundial; a população total estimada em 3,44 mil milhões, representando 47,6% da população global; o volume do comércio externo totaliza 9,3 biliões de dólares, representando 27,8% do volume do comércio mundial.¹⁹

Este pensamento estratégico é a última realização teórica do Marxismo da China, a base teórica é a teoria de reforma socialista e de história mundial; a sua formação e desenvolvimento passou por 3 fases de incubação, a iniciativa, a cooperação pragmática; Os Cinco Princípios da Coexistência Pacífica são: o respeito mútuo pela soberania e integridade territorial, a não-agressão recíproca, a não ingerência mútua nos assuntos internos, a igualdade e o benefício mútuo e a coexistência pacífica.

Este ambicioso programa, a que alguns já chamam de Plano Marshall chinês, fará da China a principal potência económica e diplomática da integração Euroasiática (Stokes, 2015).

A associação portuguesa “Amigos da Nova Rota da Seda” descreve o projeto como tal²⁰:

“Uma Faixa (a Nova Rota da Seda Terrestre) – vai englobar no norte da China zonas de desenvolvimento caminhando até à Europa e incluindo uma ligação via Myanmar à Índia.

19 Centro de Big Data sobre a iniciativa “Faixa e Rota” do Centro Nacional de Informações, “Relatório de Big Data da Cooperação Comercial no âmbito da iniciativa “Faixa e Rota””, 2018, disponível em <https://www.yidaiyilu.gov.cn/wcm.files/upload/CMSydylgw/201805/201805080457024.pdf> [Acedido em: 16 de abril de 2019]

²⁰ Associação Amigos da Rota da Seda, “Uma Faixa, Uma Rota, Descrição do Projeto”, disponível em <http://www.anrs.pt/descricaoarota.html> [Acedido em: 1 de março de 2019]

Implementação de 6 corredores na Ásia que pressupõem a construção de infraestruturas e parques industriais com o objetivo de operacionalizar plataformas de cooperação. Integração de alguns países da Ásia com a China numa hub de redes de distribuição terrestre de energia fornecida principalmente pelo Turquemenistão, Cazaquistão e Uzbequistão e Rússia.

Uma Rota (a Nova Rota da Seda Marítima) - começa no Sul da China no mar do Sul da China caminhando depois para a Indochina, Sudeste Asiático e atravessando o Oceano Índico e abraçando a África e Europa. Pretende aprofundar a cooperação dos continentes; asiático, africano e Europeu com o resto do mundo. A economia da China está altamente dependente do Oceano, 90% do comércio externo é via marítima, 19% do mercado global de transportes marítimos e 22% da containerização.”

2.6.3.2 O percurso do desenvolvimento e motivos

A formação e desenvolvimento da Iniciativa Faixa e Rota passou por 3 fases de incubação (antes de anunciar), a iniciativa (setembro de 2013-setembro de 2014), a cooperação pragmática (a partir de outubro de 2014).

Quanto aos motivos, Simeon (2016) aponta que, a China tem várias razões para promover esta iniciativa. Enquanto maior país comercial do mundo atual, o principal interesse da China é reduzir os custos de transporte de mercadorias. Todos os projetos que já são financiados no âmbito da iniciativa fornecem dados estatísticos sobre o tempo de viagem e o custo que será reduzido. Porque tais melhorias afetarão todas as mercadorias que passam estas rotas, e beneficiarão o comércio mundial. O sucesso da Iniciativa Faixa e Rota é, portanto, também de interesse para os países fora das vias da Rota da Seda, já que seus exportadores também usarão a infraestrutura melhorada.

Além de reduzir os custos comerciais, há quatro outros objetivos para a iniciativa. Primeiro, a China está a tentar diminuir a dependência da economia do investimento em infraestrutura doméstica e do crescimento associado que acompanha esse investimento. Isso significa que as empresas chinesas de construção, fabricantes de equipamentos e outras empresas que prosperaram no crescimento do país têm de procurar oportunidades noutras regiões. Uma das principais motivações para a iniciativa é encontrar pontos de venda para essas empresas no exterior. A China espera que suas próprias empresas planeiem, construam e forneçam os projetos que a iniciativa financia, e essa expectativa é confirmada na análise de projetos existentes. Um estudo das práticas de empréstimo do Banco de Desenvolvimento da China e do Banco de Exportação e Importação da China em período 2013-2015 mostrou que, 70% do crédito no exterior foi feito com a condição de que, pelo menos uma parte dos fundos fosse usada para comprar equipamentos chineses e envolver mãos-de-obra chineses.

Em segundo lugar, o foco na infraestrutura apoia a China na sua demanda pela maior reputação internacional para a moeda chinesa - o renminbi, para alcançar o estatuto de uma moeda de reserva global. Neste esforço a China tem o apoio da Rússia e outros mercados emergentes. Com o objetivo de financiar projetos em que a moeda chinesa é usada para empréstimos, a China aderiu ao Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento em 2015 e fundou o Banco Asiático de Investimento em Infraestruturas (AIIB). Estas etapas renderam o sucesso, e o Fundo Monetário Internacional adicionou o renminbi à saque especial de moedas globais.

A terceira motivação para a iniciativa é garantir o fornecimento de energia da China através de novas linhas de canalização na Ásia Central, na Rússia e nos portos de água profunda do Sudeste Asiático. A suficiência energética tem sido uma preocupação constante para as empresas chinesas, e por boas razões. O número de veículos de propriedade privada no país aumentou de 8 milhões em 1990 para cerca de 200 milhões em 2018²¹. E com o crescimento económico, a demanda de energia da China aumentou mais de 500% desde 1980. A China é agora o maior consumidor de energia do mundo e, a partir de 2014, o maior importador de petróleo. A sua dependência de carvão para cerca de 40% do aquecimento e da eletricidade tem contribuído negativamente para a poluição em muitas cidades. O governo chinês estabeleceu metas ambiciosas para lidar com o problema da poluição, incluindo a mudança do carvão para fontes de energia mais limpas, mas até agora, principalmente importadas.

Em quarto lugar, o desenvolvimento de infraestrutura nos países ao longo das vias da Rota da Seda pode reforçar o crescimento nas suas economias e assim contribuir para uma necessidade crescente por bens e serviços da China. Em março de 2015, o presidente da China, Xi Jinping, afirmou que o comércio anual com os países durante a Iniciativa Faixa e Rota ultrapassaria 2,5 biliões dólares até 2025. Em países menores como a Geórgia, os projetos financiados pela iniciativa podem reforçar o crescimento económico anual em 1,5% para a próxima década, um impulso considerável. Os dados ainda não são suficientes para sugerir a extensão deste efeito de crescimento em outros países, mas a iniciativa representa claramente um interesse em encontrar trabalho para as empresas chinesas de construção e de equipamentos e para os seus engenheiros.

Como um precedente, a política de "Going out" da China em 1999, procurou aumentar o investimento estrangeiro direto e a expansão além das fronteiras do país - e levou a um aumento dramático de 600% no comércio da China com os países ricos em recursos do Sudeste Asiático e a África, entre 2000 e 2007. Os investidores chineses foram recentemente saudados pela esperança implícita de exportar parte do sucesso do "modelo de crescimento chinês" para outros países e o Banco de Desenvolvimento da China financiou centenas de projetos nos países em desenvolvimento por mais de uma década.

²¹Governo central, "Em 2018, o número de carros vendidos no país ultrapassou os 200 milhões pela primeira vez", 2019, disponível em http://www.gov.cn/xinwen/2019-01/13/content_5357441.htm [Acedido em: 16 de abril de 2019]

2.6.3.3 Dois componentes

De acordo com o Ministro de Assuntos Estrangeiros e o Ministro de Comércio da China, a Faixa Económica da Rota da Seda foca em interligar China, ásia central, Rússia e Europa. Rota Marítima da Seda para o Século XXI tem como finalidade facilitar comércio marítimo através do mar do sul e o oceano indico, etc.

2.6.3.4 Implicações económicas e políticas

Para Simeon (2016), O compromisso da China de construir uma vasta rede de estradas, linhas ferroviárias, portos e outras infraestruturas em mais de 60 países da Ásia, Europa e África, com um custo de 1 bilião de dólares, é amplamente visto como um dos seus principais objetivos para políticas externas e económica.

Em primeiro lugar, numa altura em que a economia orientada para as exportações da China se encontra em atraso, o governo chinês quer impulsionar o sector de construção e abrir novos mercados para as suas exportações, a fim de facilitar a importação de produtos chineses pelos países vizinhos. A China quer garantir mercados para seus bens, a fim de manter um crescimento elevado durante a transição de uma economia orientada para exportações e investimentos para outra mais dominada pelos serviços e pelo consumo. Mas pode surgir um problema sério se os países beneficiários não tiverem capacidade para construir os seus próprios setores de exportação ou se a China continuar a não abrir seus mercados às suas exportações.

Em segundo lugar, ao lançar a iniciativa, a China espera consolidar o seu relacionamento com os países da região. Mas o governo central chinês ainda não mostrou evidências de que reconhece a suspeita de que os países vizinhos possam ter em vista o seu crescente papel em seus negócios ou o facto de que os projetos de construção agressivos podem desencadear fissuras na Rússia, Índia, Japão, Coreia do Sul e outros vizinhos.

Em terceiro lugar, a China procura enviar uma mensagem à Europa e aos Estados Unidos de que quer assumir o seu lugar como o poder preeminente na Ásia e ser tratado como um equivalente pelos países desenvolvidos do mundo ocidental. A China alistou o Reino Unido, a França, a Alemanha e outros países europeus para apoiar o seu AIIB, sendo uma conquista importante. Mas não conseguiu tranquilizar os Estados Unidos de que aderirá às normas internacionais de desenvolvimento sobre transparência e proteção ambiental. Se realmente quer tornar-se igual aos Estados Unidos e à Europa, a China tem de fazer mais para aderir às normas internacionais de assistência ao desenvolvimento, incluindo melhorar suas políticas internas de investimento e aumentar a sua abertura económica.

O mundo, especialmente a Ásia, estará a observar atentamente para ver como a China atua na iniciativa. Alguns estarão à procura das falhas da China. A China pode mostrar ao mundo

que merece ser tratada como um equivalente a outros países desenvolvidos só se demonstrar que suas intenções são boas, seus padrões são altos e o seu investimento trará benefícios para muitos.

Interesses políticos e estratégicos da China

Simeon (2016) ainda comenta que, o objetivo de longo prazo da China é ser o poder dominante na Ásia. Para alcançar este objetivo, deve reconhecer que tem que dar tanto quanto recebe. A política externa deve ser equilibrada e orientada para fora da exploração.

A China deve integrar os objetivos da iniciativa com o mandato da Organização de Cooperação de Xangai (SCO), fundada em Xangai em 2001. Esse mandato inclui a cooperação militar em matéria de segurança regional, bem como o desenvolvimento socioeconómico. A China tem grandes planos para a SCO. O aumento da conexão e do intercâmbio entre os países membros será fundamental para o desenvolvimento das relações. Ajustar a Índia aos planos de longo prazo da China não será fácil, mas aumentar as conexões entre Pequim e Nova Deli seria uma política inteligente a longo prazo.

A América Latina é um exemplo de a China se precipitar em grandes projetos sem levar em conta muitas questões, incluindo a política local. Já que a economia da China desacelerou, muitos países e políticos perceberam que sua dependência da China pode ser excessiva; A crise económica na América Latina está cada vez mais ligada à conexão da região com a China. Os projetos foram cancelados ou significativamente desativados em vários países, incluindo Colômbia, México, Nicarágua e Venezuela, alguns por razões que poderiam ter sido previstas. Um exemplo de um projeto mal pensado é o ambicioso plano de um projeto Ferrovia que se estende do Pacífico ao Atlântico através de Peru e Brasil. Muitos obstáculos impedem o seu desenvolvimento, incluindo leis trabalhistas/laborais locais, que dificultam a contratação de trabalhadores estrangeiros, preocupações com a corrupção, barreiras físicas da Cordilheira dos Andes e do Rio Amazonas, etc.

2.6.3.5 Metas específicas

De acordo com Swaine (2015), esta iniciativa de reconstruir conjuntamente a Rota da Seda, abrindo a tendência para um mundo multipolar, a globalização económica, a diversidade cultural e uma maior aplicação de informática, tem como objetivo defender o regime de livre comércio global e a economia mundial aberta no espírito de cooperação regional aberta. Destina-se a promover o fluxo livre de fatores económicos, alocação altamente eficiente de recursos e profunda integração de mercados; encorajar os países ao longo da antiga Rota da Seda a conseguir a coordenação das políticas económicas e a desenvolver uma cooperação regional mais alargada e mais aprofundada com normas mais elevadas; E criar conjuntamente uma arquitetura de cooperação económica regional aberta, inclusiva e equilibrada que beneficie a todos.

A iniciativa visa ainda promover a conectividade dos continentes asiático, europeu e africano e os seus mares adjacentes, estabelecer e reforçar parcerias entre os países ao longo da Rota da Seda, criar redes de conectividade multidimensionais, realizar um desenvolvimento diversificado, independente, equilibrado e sustentável nesses países.

2.6.3.6 Sucessos

Um sucesso além de todas as expectativas foi o do Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB) fundado na China. O AIIB foi criado para preencher uma necessidade real em termos de financiamento de infraestrutura, citando um relatório do Banco Asiático de Desenvolvimento (BAD) que afirmava que a Ásia precisava de 8,2 biliões dólares em financiamento para infraestrutura de 2010 a 2020. O Banco Mundial (BM) e o BAD não podem fornecer isso, então o AIIB representa uma plataforma útil para preencher a lacuna. Isso torna natural que muitos países queiram contribuir. Dirigido pela China, o projeto visará alcançar o que os países asiáticos até agora têm sido incapazes de fazer: canalizar as economias de poupança e de câmbio da Ásia para investimentos estratégicos pan-asiáticos de longo prazo. (Godement, François, 2016)

2.6.3.7 Problemas e desafios

Por exemplo, existem algumas dificuldades em relação à construção de infraestruturas, por causa da oposição ou incerteza da parte dos EUA perante o mecanismo de AIIB que é uma instituição crucial para o desenvolvimento das infraestruturas. (Swaine 2015:10)

E ainda temos os desafios fundamentais segundo Simeon (2016): O avanço nos projetos, segundo este autor, tem encontrado uns obstáculos, como por exemplo, em 2009, a empresa chinesa “Chinese Overseas Engineering Group” venceu no concurso de adjudicação do projeto da construção da estrada polaca, mas infelizmente ficou parado/inativado por fatores de distância, qualidade inadequada dos materiais chineses, má distribuição de capital, e falta de estudo no impacto ambiental. Segundo, é a dificuldade dos bancos na escolha de projetos para financiar, por falta de experiência dos bancos chineses que podem correr risco de financiar um projeto com baixo retorno sobre investimento. Terceiro, é separar ponderações económicas e políticas, porque não se pode pensar apenas no político, se assim fizer, o retorno sobre investimento poderá ser baixo, e alguns países podem se opor à Iniciativa Faixa e Rota.

E ainda existe, segundo fontes oficiais chinesas de 2018, os 5 riscos²²: baixo retorno sobre investimento, altos desafios de segurança, financiamento governamental instável, difícil reestruturação económica e os mal-entendidos contra a China.

²²Zhao, Kejin, “Os dez principais problemas que não devem ser evitados no âmbito da Iniciativa Faixa e Estrada”, disponível em <https://pit.ifeng.com/event/special/yidaiyiludiaoan/chapter9.shtml> [Acedido em: 16 de abril de 2019]

2.6.3.8 Implicações para a Europa

De acordo com Casarini, Nicola (2015), embora existam, sem dúvida, grandes oportunidades económicas, a iniciativa “Uma faixa. Uma rota” - e seu resultado de crescentes laços monetários sino-europeus - também apresenta à UE um grande desafio político. Existe o risco, de facto, de que uma disputa pelo dinheiro chinês possa mais dividir os Estados-Membros da UE e dificultar que Bruxelas defina uma posição comum em relação a Pequim. Além disso, a penetração económica da China na Europa pode levar a uma reação populista e o destino do porto do Pireu poderia ser o primeiro de tais casos.

Alguns críticos europeus temem que a iniciativa não tenha regras de transparência e que os acordos de financiamento opacos possam ameaçar a competitividade das empresas europeias. A China exige, de facto, que as obras de infraestrutura financiadas pelos seus empréstimos em condições favoráveis sejam realizadas por empresas chinesas, como no caso da ferrovia de alta velocidade Húngaro-Sérvio ou do Terminal II do Pireu. Isso levanta a questão da reciprocidade. Embora as empresas chinesas encontrem um ambiente de portas abertas na Europa, é bastante difícil que uma empresa europeia tenha êxito na obtenção de um contrato para construir projetos de infraestrutura na China continental.

Finalmente, os laços sino-europeus mais estreitos podem estreitar as relações com os EUA. O governo chinês tem tradicionalmente olhado para o euro como o único contrapeso sério para o dólar e, conseqüentemente, tem vindo a apoiar a zona euro politicamente, enquanto se despoja do dólar e para o euro em sério. Hoje, os ativos denominados em euros representam mais de um terço das reservas de divisas estrangeiras da China, que são as maiores do mundo. A Europa e o Reino Unido em particular, mas não só, está a desempenhar um papel importante na internacionalização da moeda chinesa, um movimento que desafia directamente o estatuto global do dólar. Por conseguinte, os responsáveis políticos dos EUA estão a observar de perto se a UE é capaz de estabelecer um equilíbrio entre o vínculo transatlântico histórico e a atração da China pela Europa.

Uma maior conectividade sino-europeia implicará inevitavelmente alguns custos económicos e políticos para a Europa, o mesmo se poderia dizer da China. No entanto, a Iniciativa Faixa e Rota permanece, em última análise, uma grande oportunidade para um continente que ainda está em luta para se recuperar da crise. Pequim tem fé na recuperação da Europa, como demonstrado pelo compromisso de investimento de mil milhões de euros da China para o Fundo Europeu de Juncker.

O que é urgentemente necessário na Europa, é uma resposta abrangente à Iniciativa Faixa e Rota. O foco não deve se limitar à economia e ao comércio, mas também incluir questões

Belt and Road Portal, “Novas Oportunidades e Novos Desafios para a Construção da Iniciativa Faixa e Rota”, 2018, disponível em <https://www.yidaiyilu.gov.cn/ghsl/gnzjgd/61741.htm> [Acedido em: 16 de abril de 2019]

políticas e de segurança. Por exemplo, essa iniciativa planeia atravessar as mesmas rotas usadas pelos refugiados que fogem do conflito sírio e de outras sociedades devastadas pela guerra. Tendo em conta os importantes fundos já afetados a projetos de infraestruturas no Sudeste da Europa e no Mediterrâneo Oriental, a estabilidade destas regiões deve ser uma questão prioritária para a China. A Iniciativa Faixa e Rota deve, assim, obrigar Bruxelas e Pequim a procurar formas de unir forças e contribuir para trazer estabilidade e prosperidade para a vizinhança da Europa sem renunciar, no entanto, às normas e práticas que a Europa há muito fomenta. Se os dois conseguissem criar mecanismos eficazes e projetos “ad hoc” para resolver algumas das causas profundas da crise dos refugiados, isto ajudaria a promover uma imagem positiva da China, e contribuiria para mitigar os custos da iniciativa para alguns sectores da economia europeia.

2.7 O impacto da iniciativa em Portugal e na relação entre Portugal e a China

Da mesma forma que a descoberta portuguesa, a iniciativa chinesa, agora no sentido Oriente-Occidente, também irá originar uma nova configuração de orientações geopolíticas e geoeconómicas. Esta é uma iniciativa a que o mundo não ficará alheio e com a qual Portugal se propõe a participar conjuntamente com a China e com os restantes países que aderiram à Iniciativa Faixa e Rota.

Nos dias 26 de abril de 2018 e 26 de fevereiro de 2019, coorganizada pela Embaixada da China em Portugal e outras instituições académicas e estatais, a exposição fotográfica “Faixa e Rota” esteve patente respetivamente na Faculdade de Letra da Universidade de Lisboa e no Colégio Luso Internacional do Porto. Os responsáveis, estudantes e docentes das 2 faculdades, representantes e centenas de visitantes da comunidade chinesa estiveram presentes na cerimónia de inauguração.

No seu discurso, Run Cai, o Embaixador da China, fez uma introdução detalhada aos princípios, importantes conquistas/proezas e o significado profundo da Iniciativa Faixa e Rota proposta pelo Presidente Xi Jinping. O embaixador Cai aponta que, a cooperação entre a China e Portugal no âmbito da referida iniciativa tem continuamente conseguido novos progressos. Em dezembro de 2018, o Presidente Xi Jinping fez uma visita estatal histórica a Portugal e considerou bem-sucedida, tendo promovido a entrada numa nova fase de desenvolvimento da parceria estratégica global entre a China e Portugal. Durante a visita, a China e Portugal emitiram uma declaração conjunta e assinaram o Memorando de Entendimento para realizar em conjunto o projeto “Faixa e Rota”²³, bem como 17 protocolos de parceria que envolvam a cooperação pragmática em áreas da economia e comércio, investimento, energia, ciência e tecnologia, ciência marítima, finanças, educação, cultura e assim por diante. O Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa aceitou

²³Gabinete do Primeiro Ministro da Republica Portuguesa, “*Visita de Estado do Presidente da República Popular da China, Instrumentos Bilaterais para Assinatura*”, 2019, disponível em <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=c8775658-cf7e-4fcb-92a8-eb32444f62ec> [Acedido em: 16 de abril de 2019]

o convite do Presidente Xi e vai à China em abril de 2019 para participar na Cimeira da Cooperação Internacional "Faixa e Rota" e fazer uma visita oficial. Portugal pode ser um importante hub da Rota da Seda Marítima e Rota da Seda terrestre, é um país participante importante, e um dos 57 membros fundadores do AIIB. A China valoriza o papel importante de Portugal neste projeto, está disposta a fazer esforços conjuntos com Portugal para promover ativamente a iniciativa, atingir a conexão efetiva com a estratégia de desenvolvimento de Portugal, reforçar a cooperação entre os dois países, e eventualmente beneficiar os 2 povos. Ao nível cultural, já estão em planeamento um número significativo de eventos culturais (de cinema, dança, música ou literatura, entre outros), pois é uma parte integrante de 1 dos 5 princípios da iniciativa: o entendimento entre os povos.

Em 2019, faz 40 anos do estabelecimento de relações diplomáticas entre a China e Portugal. Nas últimas 4 décadas, China e Portugal mantiveram reciprocamente a compreensão, o respeito, a confiança e a cooperação, as relações entre os dois países têm estado num ritmo de desenvolvimento estável, saudável e rápido. Atualmente, as relações China-Portugal estão no melhor momento da história. Intercâmbios dos líderes de alto nível entre os dois países têm sido frequentes, e a confiança política mútua continua a se aprofundar. Os dois países realizaram cooperações pragmáticas nos setores da economia, comércio, investimento, energia, ciência e tecnologia, oceano, finanças, educação, cultura e turismo, trazendo benefícios tangíveis para os dois povos. As relações sino-portuguesas tornaram-se cada vez mais um modelo exemplar de cooperação e coprosperidade entre países com diferentes culturas históricas, sistemas sociais e estágios de desenvolvimento, mostrando um grande potencial de desenvolvimento e boas perspectivas de desenvolvimento.

3. Caso Prático – Descrição do estágio

3.1 Caracterização da zona geográfica

As instalações físicas da entidade acolhedora do estágio, a associação Observatório da China, ficam localizadas na região de Belém, em Lisboa (Fig.4).

O local de trabalho do Observatório da China está localizado numa zona privilegiada e repleta de cultura, arte e patrimónios históricos, possuindo muitos monumentos com renome internacional, entre eles o famoso Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos, o Palácio de Belém e o Centro Cultural de Belém (CCB), os quais quase servem de “cartão de visita” de Portugal face aos turistas estrangeiros.



Figura 4 – Belém, zona onde situa a entidade acolhedora

Fonte: <http://www.rds.pt/?p=1624>

3.2 Caraterização da entidade de estágio

O escritório do Observatório da China fica situado no edifício localizado na Av.^a da Índia n.º 110, 1300-300 Lisboa, entre o Museu dos Coches e a Cordoaria Nacional (Figs 5 e 6).



Figura 5 – Localização do prédio da entidade (mesmo prédio que UCCLA)

Fonte: Google Map



Figura 6 – Edifício da entidade do estágio

Dada a natureza dos trabalhos que a associação desenvolve (estudos chineses e aproximação das relações China-Portugal), pretendendo ser cada vez mais uma plataforma de aproximação, foi concebido um logótipo da associação através do entrelaçamento das letras iniciais (Fig.7) com vários significados simbólicos: o entrelaçamento de 2 letras de diferentes cores corresponde à aproximação de relações estatais, a letra C em forma de dragão vermelho corresponde ao totem étnico e cultural chinês sagrado e à cor tradicionalmente mais auspiciosa na cultura chinesa, o qual transmite muito poder e auspício.



Figura 7 – logótipo do OC

Segundo informações indicadas nos documentos de divulgação pública, o Observatório da China foi fundado em dezembro de 2005 e apresentado publicamente em junho de 2006. O Observatório da China é uma associação privada sem fins lucrativos, de académicos e de pessoas interessadas em investigações multidisciplinares sobre a China e na divulgação da civilização e cultura chinesa nas diversas áreas. A sede do Observatório está localizada em Lisboa, tendo associados espalhados no país, em termos universitários por exemplo, no Porto, Aveiro, Coimbra, Lisboa e Algarve. Possui um polo no Brasil (Salvador) e associados em Macau, Shanghai e Pequim. Entre os associados destacam-se ex-embaixadores, presidentes de Conselhos Científicos de faculdades portuguesas, professores e estudantes,

diretores de divisão de ministérios, jornalistas, realizadores de cinema, entre outras profissões.

A associação tem realizado inúmeras iniciativas culturais e científicas de modo a fomentar a troca de ideias e experiências, aprofundando as relações de Portugal com a China e com os países lusófonos, assim como a edição de publicações em formato de papel e digital, o protocolo com instituições culturais lusófonas, o apoio, coordenação e lançamento de edição de publicações em papel, o apoio a eventos literários, a organização de espetáculos com músicos internacionais, entre outros. A sua principal missão é a organização de atividades académicas e culturais a fim de divulgar o conhecimento sobre a China e apoiar a divulgação de trabalhos científicos da China. Sendo da sua visão que, quanto maior for o conhecimento nas sociedades ocidentais sobre a China e sobre a sua civilização multimilenar, menor será a tendência de xenofobia e preconceitos.

Nos folhetos de propaganda de 2018, o OC indica as seguintes como as suas atividades principais:

Atividades desenvolvidas pelo Observatório da China:

-Produção Cultural e Institucional

- *Promoção e organização de Exposições, Conferências, Palestras, Simpósios e Espetáculos Artísticos (Música, Dança e Imagem)*
- *Desenvolvimento de projetos de investigação específicos ou complementares*
- *Auxílio no intercâmbio e/ ou no fornecimento de formação complementar a estudantes*
- *Promoção de reuniões e encontros estratégicos entre entidades portuguesas e chinesas ou outras do mundo lusófono para alargar o conhecimento da China Consultoria/Gestão de Projetos*
- *Organizamos e divulgamos iniciativas ligadas à cultura chinesa*
- *Participamos na construção de redes internacionais relacionadas diretamente com os estudos chineses*
- *Dinamizamos o turismo cultural da China e de Portugal*
- *Apoiamos projetos e construímos pontes, desenvolvendo contactos baseados numa vasta Base de Dados de relacionamentos nos últimos de anos*

O Observatório da China desenvolveu conjunto amplo e diverso de atividades em Portugal e no estrangeiro, pode-se digitalmente através de www.observatoriodachina.org. Em relação a projetos a desenvolver no futuro próximo, aparecem os seguintes:

- Continuidade do Projeto da Biblioteca/ Portal Digital sobre Macau-China: Fontes do Séc. XVI ao XIX;
- Conferência sobre a “New Silk Road (A nova Rota da Seda)”;
- Projeto a desenvolver com a Academia de Ciências Sociais de Cantão;

Quanto à organização da entidade, o Observatório da China é organizado em diversos níveis hierárquicos. Desta forma, diversos os órgãos sociais fazem parte integrante do Observatório da China. A Assembleia Geral é presidida pelo Professor Fernando António Pereira, com 2 vogais Choi Man Hin e Yao Jingming. A Direção é presidida pelo Doutor Rui Lourido, tendo como Vice-Presidentes a Prof.^a Doutora Zélia Breda e o Dr. Carlos Carreira, e como vogais a Professora Fátima Hanaque e o Dr. José Sousa. O Conselho Fiscal é presidido pelo Dr. Carlos Lipari, com 2 vogais Y Ping Show e o Doutor Carlos Frescata.



Figura 8 - Órgãos Sociais 2017-2019

Fonte: Newsletter 2018 do OC

No âmbito do trabalho, assisti um aumento significativo em intercâmbios culturais entre a China e os países de língua portuguesa, e esta situação arrecatou num maior interesse e curiosidade pela cultura chinesa tradicional e contemporânea, tendo como exemplo organização das festas do ano novo chinês, a realização de workshops sobre cultura tradicional ou empresarial chinesa, encontros gastronómicos ou literários, cursos de língua e caligrafia chinesa, e muitos outros eventos que acontecem em Portugal, contando com generoso apoio das entidades locais.

Dentre as várias atividades desenvolvidas pelo Observatório da China entre 2017-2018, dou destaque à exposição encerrada de “Cantão e a Rota Marítima da Seda”, a Biblioteca/Portal Digital sobre Macau-China - Fontes do século XIX ao XX, a receção da delegação de relações externas do governo de Guangzhou e do Governo provincial de Jiangsu, a participação em seminários na China, a presença em reuniões com o Ministro da Cultura de

Portugal no âmbito do reforço das relações Portugal/China, a participação da Feira Internacional de Macau e na adesão ao RCAAP – Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, entre muitos outros.

3.3 Programa de Estágio

O estágio decorreu entre 8 de novembro de 2017 e 25 de abril de 2018. O horário estipulado era entre as 10h30 e as 18h30, com direito a uma hora de almoço, totalizando, aproximadamente, 800 horas no total.

O plano de atividades durante estágio foi sendo adaptado consoante trabalhos que iam surgindo. Desta forma, não era possível estipular previamente um calendário ou um plano de atividades para serem realizadas no estágio.

A realização de outras atividades, fora das já previstas, que ocorreram no período de estágio, era realizado também à medida que surgiam, tanto no Observatório da China como na UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa).

3.4 Acolhimento pela entidade

O acolhimento por parte da entidade de estágio foi tão simpático quanto profissional. Os primeiros contactos foram realizados com a ex-estagiária e atual funcionária efetiva do Observatório da China, Raquel Carvalho, com a qual tinha trocado e-mails desde a fase de candidatura de estágio até ao aviso da aceitação do mesmo pelo Dr. Rui Lourido. Numa primeira entrevista, a Senhora Raquel Carvalho foi também o meu primeiro contacto que, de uma forma muito simpática e cordial, me orientou até ao Presidente do Observatório, Dr. Rui Lourido, que foi muito prestimoso na minha receção na Sala de reunião, com quem tive uma conversa enriquecedora não só ao nível profissional e académico mas também ao nível pessoal. No dia seguinte a S Raquel Carvalho e mais tarde dispensou o seu tempo para me apresentar a todos os colaboradores, inclusivamente todos os colaboradores da UCCLA, que também foram bastante acolhedores perante a minha chegada – nomeadamente a Dr^a Filomena Nascimento, técnica superior do setor cultural da UCCLA, que me ajudou e também vice-versa, no decorrer do estágio.

3.5 Descrição das atividades realizadas

As atividades realizadas no decurso do período de estágio foram muito diversificadas em função da situação, nomeadamente a divulgação e atualização diária de informações que se relacionassem a China com os Países de Língua Portuguesa (PLP), nas várias plataformas de divulgação do Observatório da China, tais como o Facebook, Twitter, Blogger, e no próprio Website.

A gestão do e-mail foi também uma tarefa desenvolvida quase diariamente, tendo a responsabilidade principal a divulgação de diversos eventos culturais e informações que

acho relevantes, reencaminhando para destinatários previamente agrupados em grupos como: Administração, Sócios, Comunicação Social, Divulgação, Projetos, Investigação, etc. As atividades realizadas desenvolveram-se principalmente na parte comunicação e secretariado, mas foi prestada ajuda noutros trabalhos sempre que se gerou necessidades. Como por exemplo o apoio prestado à UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, sediada no mesmo prédio), na preparação de biografias, montagem de exposições de arte ou de eventos literários.

A seguir vou descrever detalhadamente algumas atividades mais representativas que realizei no decorrer do estágio.

- Gestão do email, atendimento telefónico, e arquivamento de documentos
- Finalização da exposição “Cantão e a Rota Marítima da Seda” na Évora
- Manutenção dos meios de divulgação: Site, Facebook, blog, email,
- Receção de 3 delegações chinesas, Redação e tradução da newsletter semestral,
- Pesquisa bibliográfica e atualização dos dados científicos quanto à relação China-Portugal,
- Acompanhamento nas conferências, fotografia e redação de notícias e publicação nos meios de divulgação,
- Apoio à entidade participante na exposição chinesa “Infância na minha família” para recolha e validação de obras de São Tome,
- Divulgação do curso de português e-learning “O meu português” para mercado chinês,

3.5.1 Gestão do email, atendimento telefónico, e arquivamento de documentos


Uma parte da minha rotina diária foi trabalhos administrativos/secretariados, nomeadamente atendimento telefónico, gestão do email e arquivamento de documentos. De facto não tinha recebido muitos telefonemas externos, tendo atendido mais internos (entre UCCLA e Dr. Rui), mas tentei ser sempre cuidadoso e cordial com cada chamada que recebi, transmitindo profissionalismo pessoal e institucional. Para não faltar nenhuma informação importante até fiz uma ficha telefónica para poder me lembrar e ir preenchendo de forma organizada, as informações de data, nome, entidade, assunto e contacto. Normalmente os telefonemas externos eram por os seguintes motivos: pedido de informação, apoio ou divulgação, eu, muitas vezes não tendo resposta na ponta da língua, pedia com cortesia para “verificar na nossa base de dados, e depois prestar informação” ou que “nos enviasse o pedido formal por email, é para ficar registado e dar conhecimento à direção”. Os telefonemas internos era maioritariamente para passar recados.

A gestão e resposta de email era relativamente mais frequente. Segundo o plano da comunicação da associação elaborada em março de 2017, os emails servem de um meio importante de comunicação e divulgação, com as seguintes finalidades:

- Comunicação Interna
 - Divulgação dos pedidos de divulgação
 - Envio da Newsletter e do Programa Anual de Atividades aos associados
 - Contactos formais com instituições ou patrocinadores
 - Mensagens de informação
- Contacto com órgãos da Comunicação Social

Logo, conforme previsto pelo plano, as minhas tarefas neste âmbito não escapam de resposta aos pedidos de informação sobre China/comunidade chinesa/cursos/eventos (incluindo alguns inquéritos dos estudantes universitários), resposta aos pedidos de divulgação ou parceria, reencaminhamento de informações relevantes para sócios (eventos ou informações relevantes que lhes podem interessar, newsletter, programa de atividades, convocatória para assembleia geral ou outras reuniões), e passar recados importantes ao Dr. Rui (ex. os pedidos de parceria precisam de ser analisado pela direção), entre outros.

Arquivamento de documentos correntes também era um trabalho muito frequente, tais como protocolos assinados e faturas, e era indispensável guardar uma versão digitalizada no servidor, as faturas originais e duplicadas/fotocópia tinham de ser guardadas em 2 pastas distintas. E logo no início deste trabalho, fiquei impressionado pela elevada organização dos documentos arquivados (implementada pela colega Raquel Carvalho, embora muito jovem), uma pasta para cada ano e dentro de cada pasta encontrava-se à primeira uma ficha indicadora discriminada dos tipos de documentos e a seguir devidamente separados com papeis assinalados:



Documentos Oficiais	I
Certidão	
Diário da República	
Cartão de Pessoa Coletiva	
Declaração de Contribuinte	
Estatutos/ Órgãos de Gestão	
Registo Segurança Social	
Patrocinadores	II
Fundação Macau	
Protocolos com Entidades	III
Protocolos de Estágio	IV
Outros	V
Certificados	
Atas de Reuniões de Direção	

Figura 9 - Ficha técnica dentro das pastas de arquivamento

3.5.2 Finalização da exposição “Cantão e a Rota Marítima da Seda” na Évora

Como referido anteriormente, a iniciativa do OC que eu admirei muito pela contribuição e pelo desafio, era a exposição de “Cantão e a Rota Marítima da Seda”, patente de 21 de setembro a 31 de dezembro em 2017. Esta iniciativa resulta da parceria do Observatório da China com o Museu de Guangzhou, Direção Regional de Cultura do Alentejo/ Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo (onde acolheu a exposição), Câmara Municipal de Évora e que conta com o apoio da Embaixada da República Popular da China, União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa e o Turismo do Alentejo – ERT. Pela primeira vez, um museu chinês era autorizado pelo governo chinês a enviar, para Portugal, um acervo de alta importância histórica, com peças originais, dentre elas, algumas recolhidas de escavações arqueológicas em túmulos de antigas dinastias chinesas. A exposição tinha como propósito revelar ao público português peças originais do Museu da cidade de Cantão que comprovavam as relações multisseculares com a Europa e Portugal através da rota marítima da seda.



Figura 10 – vídeo promocional da exposição

Fonte: <http://www.observatoriodachina.org/index.php/pt/eventos/317-exposicao-cantao-e-a-rota-maritima-da-seda%20>

Embora não tenha acompanhado no dia de inauguração, felizmente, tive a oportunidade de auxiliar no dia de encerramento. No passado dia 2 de janeiro de 2018, juntamente com a colega Raquel Carvalho, fomos ao Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo situada na Évora, para auxiliar na finalização da exposição. Quando chegámos, já estava a equipa do Museu de Guangzhou a fazer desmontagem da exposição e recolha e empacotamento das peças arqueológicas. Comuniquei com eles em mandarim para confirmar se necessitavam de apoios extras nas formalidades alfandegárias, felizmente tudo correu da melhor forma e não solicitaram apoios. Assim, eu e Raquel resolvemos tratar dos tralhos da nossa parte: carregamento e transporte dos painéis e roller-banner's para Lisboa, tirar fotos de todas as páginas do livro de assinaturas e para posteriormente serem traduzidas para inglês e chinês (para enviar ao museu de Guangzhou).

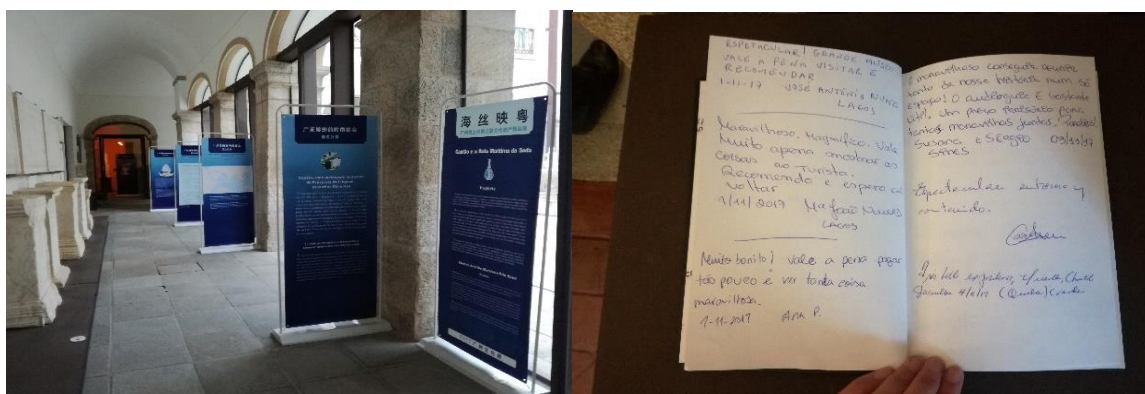


Figura 11 – um canto da exposição e do livro de assinatura

Fonte: próprio

3.5.3 Manutenção dos meios de comunicação e divulgação: Site, Facebook, blog, email

A comunicação e divulgação constitui uma tarefa diária importante para o OC ganhar visibilidade nas comunidades chinesa e portuguesa. Segundo o plano de comunicação do OC, já possuía diversos canais de comunicação e divulgação para cobrir mais público-alvo possível, entre eles *website, facebook, blog, email, newsletter, youtube, linkedin, twitter, instagram*, tendo cada um deles público-alvo diferente e requisitos diferentes para informações a transmitir, sendo os primeiros 5 mais usuais.

O plano de comunicação, que tem como o principal objetivo divulgação e promoção dos objetivos do OC, é dividido em Comunicação Interna e Comunicação Externa, segmentando as mesmas em públicos-alvo, de forma a orientar as mensagens de acordo os objetivos a alcançar.

A comunicação interna é destinada a: *melhorar a comunicação sobre a vida interna da associação entre a direção, os órgãos sociais e os associados; promover a colaboração e iniciativas empreendedoras dos associados nas diferentes atividades do OC.*

A comunicação externa é destinada a: *Promover a visibilidade do OC relativamente ao público em geral e, em particular, ao público interessado no conhecimento e no intercâmbio cultural da cultura chinesa, usando os meios de comunicação como forma de estreitar os relacionamentos com os diferentes públicos-alvo; contribuir para a captação de recursos para os projetos do OC; alargar a influência do OC.*

	Públicos-Alvo	Veículo	Tipo
Público Interno Comunicação Interna	<ul style="list-style-type: none"> • Associados • Órgãos Sociais 	- E-mails	- Informações de interesse para associados
		- Newsletters	
		- Programa de <u>Atividades</u>	
Público Externo Comunicação externa	<ul style="list-style-type: none"> • Comunidade de interessados/beneficiários com interesse na cultura e intercâmbio cultural com a China. 	Redes Sociais: <ul style="list-style-type: none"> - Página web - Facebook - Twitter - <u>LinkedIn</u> - YouTube 	<ul style="list-style-type: none"> - Notícias - Eventos - Conferências - Newsletters
	<ul style="list-style-type: none"> • Patrocinadores • Amigos da China • Associações ou Fundações • Universidades públicas ou privadas (em especial departamentos com interesses na cultura chinesa) 	<ul style="list-style-type: none"> - E-mails - Programa de <u>Atividades</u> 	<ul style="list-style-type: none"> - Informações acerca dos eventos divulgados e realizados pelo OC - Colaborações - Pedidos de divulgação
	<ul style="list-style-type: none"> • Empresas • Autarquias • Entidades públicas com ligações à China 	- E-mails	<ul style="list-style-type: none"> - Divulgação de eventos que sejam do interesse de casa um. - Possíveis colaborações
	<ul style="list-style-type: none"> • Órgãos de Comunicação Social (Imprensa) 	<ul style="list-style-type: none"> - E-mails - <u>Press Release</u> 	Pedidos de divulgação – Publicidade - Media

Figura 12 – parte do plano de comunicação

Fonte: documentos internos do OC

Então, a divulgação que eu realizei foi apenas por meios de website, *facebook*, *blog*, *email*, *newsletter*, essencialmente publicação de eventos culturais, conferências científicas, ou eventos participado pelo OC (uma breve nota noticiosa) nos primeiros 3 canais, reencaminhamento de emails para conhecimento de sócios e Dr. Rui (quando não reparou), e registando atividades passadas para a redação semestral da newsletter.

E acrescento que, logo na primeira semana, fui posto a fazer a atualização global em relação à divulgação mútua em parceria com os sites de outras instituições, ou seja verificar os links de sites que constam no site de OC, se continuavam válidos e a fazer divulgação do OC também. No caso negativo, entrar em contacto para solicitar novamente a divulgação do link do OC.

Links desatualizados/sem efeitos					
Agências Noticiosas					
Link atual	estado	Link atualizado e efetivo			
Asia Times Online	errado	Asia Times Online			
Business Week	link (pós)	Business Week			
Xinhua	link (pós)	Xinhua			
Publicações					
Link atual	estado	Link atualizado e efetivo			
China and Eurasian Forum Quarterly Journal	link (pós)	China and Eurasian Forum Quarterly Journal			
Institutos e Instituições					
Link atual	estado	Link atualizado e efetivo			
Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa	link errado	Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa			
Casa de Macau	link	Casa de Macau			
Fundação Jorge Álvares	link errado	Fundação Jorge Álvares			
Instituto Português de Sinologia	link	Instituto Português de Sinologia (??? Sem certeza)			
Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa	link	??? Sem certeza			
Instituto Internacional de Macau	link	Instituto Internacional de Macau			
Mestrado Estudos Orientais da Universidade Católica de Lisboa	link	Mestrado Estudos Orientais da Universidade Católica de Lisboa (??? Sem certeza)			
Mestrado na Católica em Estudos Asiáticos	link	Mestrado na Católica em Estudos Asiáticos			

Estados Asiáticos	link	link errado	Portugal
Institute of East Asian Studies (IEAS) of University Malaysia Sarawak (UNIMAS)	link	errado	Institute of East Asian Studies (IEAS) of University Malaysia Sarawak (UNIMAS) (Malaysia)
ANU Southeast Asia Institute (Australia)	link	errado	ANU Southeast Asia Institute (Australia)
Asia & the Pacific College at Australian National University, Canberra (Australia)	link	errado	Asia & the Pacific College at Australian National University, Canberra (Australia)
Center for Chinese Studies of the University of Hawaii (USA)	link	errado	Center for Chinese Studies of the University of Hawaii (USA)
Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes (Brasil)	link	errado	Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes (Brasil)

Instituições em que não se verifica a divulgação de OC → contactos:		
Nome da instituição	site	contacto
Associação Portuguesa de Sinologia	http://www.apsinologia.org/	http://www.apsinologia.org/
Associação Portuguesa de Sinologia	http://www.apsinologia.org/	http://www.apsinologia.org/
Associação Portuguesa de Sinologia	http://www.apsinologia.org/	http://www.apsinologia.org/
Associação Portuguesa de Sinologia	http://www.apsinologia.org/	http://www.apsinologia.org/
Associação Portuguesa de Sinologia	http://www.apsinologia.org/	http://www.apsinologia.org/
Associação Portuguesa de Sinologia	http://www.apsinologia.org/	http://www.apsinologia.org/
Associação Portuguesa de Sinologia	http://www.apsinologia.org/	http://www.apsinologia.org/
Associação Portuguesa de Sinologia	http://www.apsinologia.org/	http://www.apsinologia.org/
Associação Portuguesa de Sinologia	http://www.apsinologia.org/	http://www.apsinologia.org/
Associação Portuguesa de Sinologia	http://www.apsinologia.org/	http://www.apsinologia.org/

Figura 13 – atualização de links no site do OC

Fonte: Próprio

Exmo.(a) Senhor(a)

O Observatório da China tem procurado divulgar todas as instituições relacionadas com a projecção cultural da China, nesse sentido temos a sua instituição referenciada, como poderá verificar [aqui](#). Neste mesmo sentido, venho por este meio verificar se seria possível obter uma divulgação mútua no site de V. Exas, nomeadamente onde têm os links úteis ou referência das instituições.

Grata pela sua atenção, ao dispor para informações adicionais.

Com as melhores considerações,

Minglei Zheng

Colaborador

--

Dear Sir / Madam,

The Observatory for China has been publicising institutions that are related to China's cultural projection, so we have made reference to your institution, as you may confirm [here](#). In this same line of thought, I would like to know if it would be able obtain mutual publicity on your excellency website, namely where you make reference to useful links or institutions.

Thank you very much for your attention, please let us know if there's needed any additional information.

Best Regards,

Minglei Zheng

Collaborator

Figura 14 – Pedido de mútua divulgação

Fonte: próprio

3.5.4 Receção de 3 delegações chinesas

No decorrer do estágio, o OC recebeu 3 delegações chinesas, as quais: a receção da delegação de relações externas do governo de Guangzhou (8 de novembro de 2017), delegação do Governo provincial de Jiangsu (8 de dezembro de 2017) e a delegação da Academia de ciências sociais da China (24 de abril de 2018). As 3 reuniões contribuíram, respetivamente, para tomada de conhecimento das novidades de ambas as instituições e avançar na parceria de cooperação em iniciativas culturais novas (como Ano Cultural China-Portugal, Festival de Cinema) e para o reconhecimento do valor de ambas as instituições na promoção dos estudos multidisciplinares chineses em Portugal e na China.

Eu estive presente nas 3 reuniões, tentei tirar mais notas possível para necessidade futura, fiz interpretação de uma parte do discurso na primeira reunião (a delegação não trouxe um intérprete que domine português mas só inglês e francês), e fiz a pré-preparação da última reunião (preparar papéis de identificação para cada visitante, preparar a mesa, preparar pastas que continham newsletters e revistas, copo e água, banner, etc)

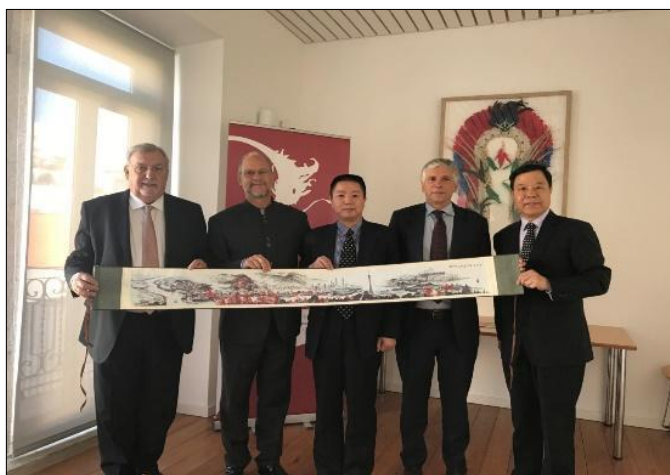


Figura 15 – delegação de relações externas do governo de Guangzhou

Fonte: OC



Figura 16 – delegação do Governo provincial de Jiangsu

Fonte: OC







Figura 17 – delegação da Academia de ciências sociais da China
Fonte: OC

3.5.5 Redação e tradução da newsletter semestral

O OC tem a convenção de redigir uma newsletter semestralmente, antigamente em 3 línguas (português, inglês, mandarim), no ano 2017-2018 chegaram a consenso de não fazer a versão em inglês por ser um público-alvo relativamente mais reduzido.

Logo antes da entrada no estágio em 2017, pediram-me para traduzir a newsletter 2016-2017 para mandarim (figura 18). E no mês abril de 2018, devido à mudança de cargo da colega Raquel Carvalho, eu fiquei responsável pela redação da nova newsletter semestral em português e chinês. Propus implementar um novo design e apresentei várias hipóteses, contudo, a direção considerava mais adequado manter um design unificado representativo do OC e optou por manter o estilo de design antigo (imagens na capa e contracapa, imagem de fundo, decorações de ramos de pinheiro, cores temáticas, entre outros). A seguir, fiz recolha de informações (português) das atividades passadas a serem incluídas na newsletter (alguns textos escritos por mim), acabando a recolha, submeti o esboço ao presidente para revisão (se era necessário retirar ou adicionar algo) e aperfeiçoar o português, e depois ser traduzido para mandarim por mim. Só no final da tradução é que podia fazer edição de layout de newsletter uma vez que depende muito do tamanho do texto. Baseando nas versões anteriores e tendo em conta o tamanho do texto em português e chinês, fiz alterações no layout com os mesmos elementos, e inseri respetivamente conteúdos em português e chinês. A versão final também foi revista várias vezes e apresentada à direção. Após a aprovação, foi convertida para PDF e guardada no servidor e no site oficial, além disso impressa a cores, de frente e verso, em dezenas cópias, e guardadas para o uso futuro.

	
<p>Figura 18 - Newsletter 2016-2017 português digital</p>	<p>Figura 19 - Newsletter 2017-2018 português digital</p>
	
<p>Figura 20 - Newsletter 2016-2017 chinês digital</p>	<p>Figura 21 - Newsletter 2017-2018 chinês digital</p>

3.5.6 Pesquisa bibliográfica e atualização dos dados científicos quanto à relação China-Portugal

Sempre que o Dr. Rui Lourido ia participar em alguma conferência, ele precisava de atualizar os dados dos artigos antigos dele para a atualidade. Tratava-se de um trabalho muito repetitivo de pesquisas nos sites oficiais e o Dr. Rui tinha outras ocupações, eu voluntariamente coloquei-me ao seu dispor para auxiliar.

CHINA - RELAÇÕES COM A EUROPA, PORTUGAL E A LUSOFONIA	
<p>Desenvolvimento económico e social Chinês</p> <p>Estudos da OCDE e da Universidade de Denver (EUA) indicam que, entre 2010 e 2060, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) chinês subirá 20,6%, a mortalidade infantil diminuirá 78,4 % (por mil bebés). Reduzir-se-á para 7% a população (100 milhões) abaixo do limiar de pobreza. Atualmente, 300 milhões de pessoas já ascenderam à classe média, refletindo o crescimento do poder de compra da população e da procura interna, promovidos pela política de estabelecimento dos salários mínimos para a cidade e para o campo. A análise das estatísticas autoriza a previsão de que, até 2060, o Produto Interno Bruto (PIB) <i>per capita</i> da China deverá aumentar para cerca de 527,8%, ultrapassando o dos EUA, já nos próximos anos. (Staff link: OCDE Report, novembro 2012; https://www.slideshare.net/oecd/economy/china-2017-oecd-economic-survey-more-resilient-and-inclusive-growth-1)</p> <p>A China é, atualmente, o 2.º maior investidor estrangeiro no mundo, sendo que os indicadores do ano de 2015 (dados do relatório geral sobre atividade da União Europeia de 2015) apresentam um aumento de 18,3% em termos anuais, para um valor recorde, sendo o 13.º ano consecutivo do crescimento do Investimento Direto Estrangeiro (IDE) chinês. A Ásia passará de cerca de um terço (31%) do PIB mundial para mais de metade do PIB global (65%) e, por si só, a China passará de 13% para 28% do PIB mundial. Segundo Xi Jinping, Secretário-Geral do Partido Comunista Chinês (PCC), o contributo da China, em 2017, para o crescimento da economia mundial, é de 30%. Apesar de a China acompanhar o abrandamento do crescimento anual do PIB que se verificou em vários países em desenvolvimento (à exceção da Índia), explicado em parte pela recessão das economias ocidentais (que reduziram a procura e aquisição de bens chineses), o crescimento do PIB chinês, cerca de 6,9%, é assinalável, ultrapassando as expectativas para 2017 (Fonte: Gabinete Nacional de Estatísticas da China e a Administração Estatal de Divisão).</p> <p>No 13.º Plano Quinquenal (2016-2020), destaca-se o desenvolvimento de serviços e medidas para corrigir os desequilíbrios ambientais e sociais, estabelecendo metas para redução da poluição, aumento da eficiência energética e melhoria no acesso à educação e cuidados de saúde, para além de ampliar a proteção social, mantendo o objetivo de alcançar uma "sociedade moderadamente próspera" até 2020 (duplicação do PIB 2010-2020). (Fonte: World Bank, 14 de</p>	<p>(SG/DRI/UCCLA)</p> <p>De acordo com os dados da Comissão Nacional da Saúde e do Planejamento Familiar (CNSPF) da China, a taxa de mortalidade materna da China caiu para 19,6 para cada 100 mil em 2017, em comparação com 19,8 para cada 100 mil no ano anterior. Por outro lado, o relatório também indica que a taxa de mortalidade infantil também diminuiu em 2017 de 7,2 para 6,8 por cada mil bebés.</p> <p>O governo chinês tem como objetivo reduzir a taxa de mortalidade materna para 12 por 100 mil e a mortalidade infantil para 7 por cada mil até o ano 2020, segundo um comunicado oficial intitulado China Standard 2020. (Fonte: Agência de notícias Xinhua, http://portuguese.xinhuanet.com/2018-02/02/c_1148944711.htm?)</p> <p>ext.estagiao.ucrla</p> <p>25% em 2016. (Fonte: Foreign direct investment data, janeiro 2018; http://www.oecd.org/dataoecd/16/16/483723316437233.htm; janeiro 2018, data)</p> <p>Foreign Direct Investment Statistics: Data, Analysis and Forecasts, http://www.asia-pacific.aseanstat.com/statistics.htm)</p> <p>ext.estagiao.ucrla 02 de abril, 2018</p> <p>China está estável como segunda maior economia do mundo e com 19% do PIB mundial (Fonte: dados estatísticos publicados no dia 28 de fevereiro pela Administração Nacional de Estatísticas da China, 28 de fevereiro de 2018). Notícias: http://portuguese.people.com.cn/33/2018/0305/c309506_4432953.html</p> <p>ext.estagiao.ucrla</p> <p>25% para o crescimento da economia mundial, segundo a fonte: The State Council Information Office of the People's Republic of China, http://www.asia-pacific.aseanstat.com/1643723316437233.htm</p>

Figura 22 – Atualização dos dados de um artigo do Dr. Rui Lourido

3.5.7 Acompanhamento nas conferências, fotografia e redação de notícias e publicação nos meios de divulgação

O OC mostrou sempre concernente e ativo aos acontecimentos/eventos que tem a ver com a China e relação China-Portugal. Dentro das minhas possibilidades eu tentava acompanhar os representantes do OC e exercer a função de jornalista, tirando fotos e gravando os discursos importantes. Eis algumas atividades importantes em que participei:



Figura 23 - Encontro entre associações chinesas e o novo embaixador de Portugal na China a 9 de janeiro de 2018 no CNAI



Figura 24 - Conferência “Financing Belt & Road” a 23 de março em 2018 no ISEG



Figura 25 - Exposição fotográfica “Faixa e Rota” a 26 de abril em 2018 na FLUL



Figura 26 - Visita à escola secundária D Pedro V a 30 de abril em 2018

3.5.8 Apoio à entidade participante na exposição chinesa “Infância na minha família” para recolha e validação de obras de São Tomé

Antes do meu início do estágio, o OC já tinha aceite a coorganização do Projeto Público de Intercâmbio de Artistas Juvenis entre Cantão e as Cidades-irmãs Internacionais “*A Infância na Minha Família*”²⁴, trata-se de uma atividade de recolha e avaliação de obras de artes visuais, realização de exposições no Palácio de Crianças em Cantão/Guangzhou, fazendo álbuns de pintura, destinando ao público-alvo de 4-18 anos, sem limitações de nacionalidade e regiões. As melhores obras iriam se expostas na “*Exposição Dupla Anual de Obras Públicas de Artistas Juvenis*”, em 2018. O OC, enquanto entidade coorganizadora, dedicou algum tempo a procurar obras em Portugal e outros países da língua Portuguesa. Em 2018, uma entidade portuense (cujas responsáveis são sócios do OC) mostrou interesse e, através dos seus contactos diretos e indiretos de uma escola primária local e em São Tomé e Príncipe, ajudou a recolher umas obras (fotos e desenhos) de São Tomé. Visto que já se atrasaram no prazo (15 de dezembro de 2017), eu tive de comunicar com a entidade organizadora chinesa para estender o prazo (figura 25). As obras selecionadas pela entidade parceira do Porto foram enviadas digitalmente para OC, eu e a colega Raquel Carvalho fizemos uma validação prévia antes de serem enviadas para a China, excluimos umas fotos plagiadas da Internet (atos individuais de alguns candidatos), e pedimos para a entidade do Porto enviar diretamente para o email (versão digital das fotos) e a morada (desenhos) indicada pela entidade organizadora chinesa (sugeri imprimir a morada em chinês e colar nos envelopes), juntamente com os formulários de candidatura preenchidos pelos candidatos, em 16 de março de 2018.

²⁴ Apresentação do projeto no anexo 2.



Figura 27 – Contactos com a entidade organizadora chinesa
Fonte: Próprio



Figura 28 – um desenho selecionado



Figura 29 – uma foto selecionada

3.5.9 Promoção do curso de português e-learning “O Meu Português” ao mercado chinês

No passado dia 16 de novembro em 2017, o CEO da empresa portuguesa DLC (Distance Learning and Consulting, empresa de referência no fornecimento de serviços em eLearning, bLearning e mLearning), Dr. António Augusto, reuniu com o presidente do OC para pedir apoio na promoção do seu produto digital, o curso online na plataforma “Netforma” – “O Meu Português” ao mercado chinês. O desenvolvimento do curso A1 já se encontrou concluído e pronto para funcionar, o responsável mostrou ser confiante em conquistar o mercado gigante, e já planeava desenvolver cursos de níveis A2 até C1, e a partir do nível A2, haveria parceria com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (por uma questão de autoridade e prestígio na certificação, uma vez que muitos imigrantes chineses precisam do certificado A2 para o efeito de renovação do título de residência no SEF, e o certificado tem de ser reconhecido pelo Ministério da Educação), os certificados seriam emitidos pela mesma.

Com muita convicção, o Dr. António demonstrou o funcionamento do curso a nós, incluindo eu, e indicou as seguintes vantagens:

- Sem restrição de local e tempo;
- Preço competitivo, muito mais baixo do que os curso presenciais;
- Sistema difícil de copiar;
- Conteúdo rico e interessante;
- Fácil utilização;

Eu pessoalmente considerei o produto muito promissor, e aceitei o desafio de promovê-lo, procurando possíveis parceiros ou clientes na China ou na comunidade chinesa em Portugal. Fiz a divulgação por vários canais para diferentes públicos-alvo: aproveitei os contactos chineses da associação, redigi email com objetivo de pedido da parceria em chinês e inglês

e enviei para centenas entidades chinesas; recorrendo às ideias de digital marketing, concebi artigos publicitários para publicar nos sites chineses mais conhecidos (entre eles “Rua da Palma” de Portugal), Wechat, anúncios em papel, etc. Como é um produto novo para chineses e eu não tive muita formação em Marketing, o trabalho não tem sido fácil mas dediquei-me continuamente mesmo ter acabado o estágio, finalmente em junho de 2018 consegui angariar os primeiros clientes.



Figura 30 – Homepage da plataforma do curso “O Meu Português”

Fonte: <https://elearning-oc.dlc.pt/>



Figura 31 – primeiros emails de divulgação e procura de parceria

Fonte: Próprio

3.6 Análise Crítica

A elaboração do presente relatório, permite-me dar lugar a uma maior contextualização e reconstituição sobre o trabalho desenvolvido no decorrer do mesmo, os seus aspetos positivos e negativos e as mais-valias conseguidas.

O Observatório da China tem vindo a desempenhar um papel bastante significativo no aprofundamento das relações entre Portugal e a China, o que constituiu uma mais valia para um considerável crescimento do conhecimento e da experiência desta área de estudo, durante o período de estágio.

Como aspeto positivo, destaco o afável acolhimento, a disponibilidade do meu orientador de estágio, Doutor Rui Lourido, para o esclarecimento de dúvidas durante o decorrer do estágio e partilha de conhecimentos, contribuindo de forma enriquecedora.

Como aspeto negativo, é de salientar alguma insuficiência no meu português e na capacidade de comunicação empresarial, que gerou umas barreiras e falhas no trabalho.

Ainda assim, como mais valia, salientam-se as atividades elaboradas no âmbito do Observatório da China e da UCCLA. Proporcionaram o desenvolvimento de competências noutras áreas, que podem constituir uma mais valia para mim futuramente.

4. Conclusão

Em suma, as relações entre a China e Portugal estão no melhor momento e devem ser continuamente desenvolvidas devido à variedade de benefícios para ambos os países.

No aspeto económico, Portugal tem todo o interesse em implementar ações no sentido de impulsionar ainda mais as relações com a China. Estas relações são mutuamente vantajosas uma vez que a China é um mercado de escala com muitas oportunidades para Portugal. O interesse da China em Portugal é também estratégico, uma vez que Portugal representa a porta de entrada da China no mercado dos EU. E as comunicações e intercâmbios culturais no âmbito da Iniciativa Faixa e Rota vão fomentar cada vez mais o entendimento entre 2 povos.

Durante o estágio fui posta à prova, tendo enfrentado frequentemente com novos problemas e tarefas que exigiram que aprendesse novas técnicas de trabalho. Foi necessário saber trabalhar em várias tarefas ao mesmo tempo e muitas delas exigiam concentração e realização rápida, algo que nem sempre foi fácil, pois pode provocar maior ocorrência de erros e/ou ansiedade.

Recebi excelente acompanhamento e orientação dos meus diversos orientadores durante o meu estágio que me ensinaram e deram exemplos das tarefas similares passadas, o que me permitiu progredir mais depressa. O facto de ter tido uma colega (ex-estagiária), Raquel Carvalho, durante os primeiros meses, permitiu partilha na realização de algumas tarefas e uma mais fácil adaptação às exigências do trabalho.

Obtive a oportunidade de trabalhar em diversos projetos e tarefas que me permitiram melhorar e adquirir novos conhecimentos na área do secretariado, comunicação e marketing, por exemplo. As tarefas de redação e secretariado, exigiram bastante concentração e capacidade de *multi-tasking*, algo nem sempre fácil.

Confesso que após o término do meu estágio pude verificar uma melhoria nas minhas capacidades de tradução, comunicação empresarial e intercultural, bem como uma maior compreensão sobre o funcionamento do mercado de trabalho. O estágio foi uma experiência que me enriqueceu e será sem dúvida uma mais-valia para o meu futuro profissional.

5. Bibliografia

Alves, Sara Filipa Fonseca. *As relações bilaterais entre Portugal e a China: enquadramento histórico-económico e distância cultural*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, 2015.

Araújo, Sónia Marisa Lemos. *A presença da cultura organizacional chinesa nos negócios em Portugal*. Tese de Mestrado. Universidade de Aveiro, 2014.

Campos, Luís, e Sara Canavezes. "Introdução à globalização." Instituto Bento de Jesus Caraça, Universidade de Évora, (2007).

Casarini, Nicola. "Is Europe to benefit from China's Belt and Road initiative." *Istituto Affari Internazionali* 15.40 (2015): 1-11.

Castro, Thales. *Teoria das relações internacionais* / Thales Castro. – Brasília: FUNAG, (2012).

Cattelan, Pedro Henrique Prates. "A nova rota da seda: uma nova estratégia chinesa?.", Tese de Licenciatura(Bacharel), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (2017).

Costa, Francisco Lima. "Globalização, diversidade e “novas” classes criativas em Lisboa: economia etnocultural e a emergência de um sistema de produção etnocultural." *Sociologia, Problemas e Práticas* 67 (2011): 85-106. (<https://journals.openedition.org/spp/615>) [Acedido em: 20 de fevereiro de 2019]

Costa, Pedro. "Tradução, Cultura e Globalização: O papel do tradutor como mediador cultural." Trabalho no âmbito de unidade curricular de Estudos Interculturais, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, (2013).

de Lima, Vagna Brito. "OS Processos de Globalização: Fenômeno novo ou velho?" *Revista Espaço do Currículo* 7.3 (2014).

Deng, Yong, and Thomas G. Moore. "China views globalization: Toward a new great-power politics?." In *The Washington Quarterly* 27.3 (2004): 115-136.

Dirlik, Arif. "Modernity as history: Post-revolutionary China, globalization and the question of modernity." *Social History* 27.1 (2002): 16-39.

Garcia Herrero, Alicia, and Jianwei Xu. "China's Belt and Road initiative: can Europe expect trade gains?" *Bruegel Working Paper* ISSUE 5/2016. (2016).

Garrett, Banning. "China faces, debates, the contradictions of globalization, "Asian Survey 41.3 (2001): 409-427.

Gaspar, Sofia. "A comunidade chinesa em Portugal: percursos migratórios, contextos familiares e mercado de trabalho." CIES - Instituto Universitário de Lisboa, (2015).

Godement, François. *"One Belt, One Road": China's great leap outward*. ed. Vol. European Council on Foreign Relations, 2016. 1-18.

Grieger, Gisela. *One Belt, One Road (OBOR): China's regional integration initiative*. ed. Vol. European Parliamentary Research Service, 2016. 1-12.

Guimarães, José Alberto da Silva Almada. *A evolução da diplomacia Luso-Chinesa: pragmatismo, influência e soberania sobre Macau*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, 2014.

Ianni, Octavio. "Globalização: novo paradigma das ciências sociais." Estudos avançados 8.21 (1994): 147-163. (http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000200009&script=sci_arttext) [Acedido em: 20 de fevereiro de 2019]

Igreja, Rui. "Chineses em Portugal: Integração e Relações com a comunidade." Universidade de Aveiro, (2014). (<http://mechinese.yolasite.com/resources/Projectos/Rui/Chineses%20em%20Portugal,%20Integracao%20e%20Relacoes%20com%20a%20Comunidade%20-%20Rui%20Igreja.pdf>) [Acedido em: 20 de fevereiro de 2019]

INTERNATIONAL MONETARY FUND, *Globalization: Threats or Opportunity*, IMF Publications, 2000.

Li, Mingwei, "Uma revisão da história da Rota da seda", Estudos de etnias no noroeste , (2005) (李明伟. "丝绸之路研究百年历史回顾." 西北民族研究 2 (2005): 90-106.)

Liang, Wei. "China: globalization and the emergence of a new status quo power?." Asian Perspective (2007): 125-149.

Lieber, Robert J., and Ruth E. Weisberg. "Globalization, culture, and identities in crisis." International Journal of Politics, Culture, and Society 16.2 (2002): 273-296.

Liu, Wugen, "Considerações iniciais sobre a iniciativa "Faixa e Rota" rota do presidente Jinping Xi". Estudos da Teoria Marxista do ensino superior, Pequim, 2016 (刘武根. "习近平“一带一路”战略思想初探." (2016))

Liu, Xinru. *The Silk Road in world history*. Oxford University Press, Oxford, 2010.

Loureiro, Carlos David Gaspar. "As Relações Económicas Luso-Chinesas." Relatório de Estágio do Mestrado, Universidade do Porto, (2015).

Matias, Ana. *Imagens e estereótipos da sociedade portuguesa sobre a comunidade chinesa. Interação multissecurar via Macau*. Diss. Instituto Universitário de Lisboa, 2007.

Mendes, Carmen Amado. "A evolução das relações Luso-Chinesas." Estudios Iberoamericanos 2015-2016 (2016): 396-422.

Morais, Carlos, et al. "Congresso Internacional "Diálogos Interculturais Portugal-China": livro de resumos." Universidade de Aveiro, (2017).

Neves, Miguel Santos, e Maria Beatriz Rocha-Trindade. "As diásporas e a globalização— a comunidade de negócios chinesa em Portugal e a integração da China na economia global." *Revista Migrações* 3 (2008): 165-189.

Ning, Ding. *A comunidade chinesa em Portugal: acerca de atividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração*. Diss. Universidade do Minho, Braga, 2012.

Overholt, William H. *China and globalization*. RAND, Santa Monica, CA, 2005.

Pires, Marcos Cordeiro, e Luís Antonio Paulino. "A China e as novas rotas da seda eo desenvolvimento pacífico: Reflexões sobre hegemonia eo papel da China no contexto internacional." *Relaciones Internacionales* 26.53 (2017): 206-228.

Rodrigues, Jorge Nascimento, e Tessaleno C. Devezas. *Portugal: o pioneiro da globalização: A herança das descobertas*. Centro Atlantico, 2009. (<https://bit.ly/2GNfTrw>) [Acedido em: 20 de fevereiro de 2019]

Rota da Seda in Artigos de apoio Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$rota-da-seda](https://www.infopedia.pt/$rota-da-seda) [Acedido em: 20 de fevereiro de 2019]

Rui d' Ávila Lourido, "China, suas relações com a Europa, Portugal e a Lusofonia", ed. do Observatório da China, Lisboa, no prelo (2019)

Rui d' Ávila Lourido, "China: Sociedade e Economia em progresso?", ed. do Observatório da China, Lisboa, no prelo (2019)

Simeon Djankov, *The Rationale Behind China's Belt and Road Initiative*, in *China's Belt and Road Initiative Motives, Scope, and Challenges*, edited by Simeon Djankov & Sean Miner, published in Peterson Institute for International Economics, PIIE Briefing 16-2 , Março de 2016, pp. 1-35.

Siyuan, MA. "Um olhar português sobre a China." Dissertação do Mestrado, Universidade de Aveiro, (2015)

Stokes, Jacob, "China's Road Rules: Beijing Looks West Toward Eurasian Integration", *Foreign Affairs*, (2015), disponível em <https://www.foreignaffairs.com/articles/asia/2015-04-19/chinas-road-rules> [Acedido em: 20 de fevereiro de 2019]

Sukup, Viktor. "A China frente à globalização: desafios e oportunidades." *Revista Brasileira de Política Internacional* 45.2 (2002): 82-113.

Swaine, Michael D. "Chinese views and commentary on the 'One Belt, One Road' initiative." *China Leadership Monitor* 47 (2015): 1-24.

Thomas Chan, Louise do Rosário, "Delta do rio das pérolas: a história notável do Delta"(2012):1-49 (http://www.macauhub.com.mo/pt/file/DELTA_BOOK.pdf)

Tronco, Júlia Gauttier. *A comunicação intercultural em contexto: o caso da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa*. Diss. Universidade do Minho, 2017.

Wang, Yuechuan, “*Globalization and China*”, Editora da Amizade de Shandong, 2002 (王岳川. 全球化与中国. 山东友谊出版社, 2002.)

Yu, Keping, “*Perspetiva chinesa no estudo da globalização*”, Instituto de Estudos Contemporâneos do Comitê Central do Partido Comunista da China, 1999 (<http://blog.boxun.com/sixiang/991105/9911059.htm>) (俞可平. "全球化研究的中国视角." 战略与管理 3 (1999): 96-102.) [Acedido em: 20 de fevereiro de 2019]

Zhongping, Feng e Jing, Huang, “*China´s strategic partnership diplomacy: engaging with a changing world*”, European Strategic Partnerships Observatory, Working Paper 8, (2014), (<https://bit.ly/2GNbwfR>)

Artigos de jornais e fontes oficiais consultados online:

Amigos da Nova Rota da Seda, “*Uma Faixa Uma Rota - A Nova Rota Marítima do Século XXI*”, 2017, disponível em http://www.anrs.pt/documentation/Relat%C3%B3rio_ANRS_2017.pdf [Acedido em: 1 de março de 2019]

Associação Amigos da Rota da Seda, “*Uma Faixa, Uma Rota, Descrição do Projeto*”, disponível em <http://www.anrs.pt/descricaorota.html> [Acedido em: 1 de março de 2019]

Beijing Builds Roads, Pipelines, Railways and Ports to Bind Itself to Region”, in *The Wall Street Journal*, 9 de Novembro de 2014, disponível em <http://www.wsj.com/articles/chinas-new-trade-routes-center-it-on-geopolitical-map-1415559290> [ultimo acesso: 18 de Julho de 2019]

Belt and Road Portal, “*Novas Oportunidades e Novos Desafios para a Construção da Iniciativa Faixa e Rota*”, 2018, disponível em <https://www.yidaiyilu.gov.cn/ghsl/gnzjgd/61741.htm> [Acedido em: 16 de abril de 2019]

Centro de Big Data sobre a iniciativa “Faixa e Rota” do Centro Nacional de Informações, “*Relatório de Big Data da Cooperação Comercial no âmbito da iniciativa “Faixa e Rota”*”, 2018, disponível em <https://www.yidaiyilu.gov.cn/wcm.files/upload/CMSydylgw/201805/201805080457024.pdf> [Acedido em: 16 de abril de 2019]

David Rothkopf, “In Praise of Cultural Imperialism?” *Foreign Policy*, No. 107 (Summer 1997): 38–53, at 39; Benjamin Barber, *Jihad Versus McWorld* (New York: Times Books, 1995), (apud Lieber, 2002)

Embaixada da China em Portugal, “*Embaixada da China em Portugal organizou a exposição fotográfica no âmbito da iniciativa Faixa e Rota na Escola Internacional do Porto*”, 2019, disponível em <http://pt.china-embassy.org/chn/gdxw/t1641593.htm> [Acedido em: 1 de março de 2019]

Fonte destes dados World FactBook da CIA, disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/ch.html> [Acedido em: 1 de março de 2019]

Gabinete de Imprensa do Estado, “*conferência de imprensa sobre a situação de importação e exportação em 2018*”, 2019, disponível em http://www.gov.cn/xinwen/2019-01/14/content_5357666.htm#1 [Acedido em: 16 de abril de 2019]

Gabinete do Primeiro Ministro da Republica Portuguesa, “*Visita de Estado do Presidente da República Popular da China, Instrumentos Bilaterais para Assinatura*”, 2019, disponível em <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=c8775658-cf7e-4fcb-92a8-eb32444f62ec> [Acedido em: 16 de abril de 2019]

Governo central, “Em 2018, o número de carros vendidos no país ultrapassou os 200 milhões pela primeira vez”, 2019, disponível em http://www.gov.cn/xinwen/2019-01/13/content_5357441.htm [Acedido em: 16 de abril de 2019]

Jeremy Page, “China Sees Itself at Center of New Asian Order
UNESCO, “sobre a Rota da Seda”, disponível em <http://zh.unesco.org/silkroad/guan-yu-si-chou-zhi-lu>, [Acedido em: 16 de abril de 2019]

Yiwei Wang, “*Interconexão abre nova fase de globalização*”, 2014, disponível em http://paper.people.com.cn/rmrbhwb/html/2014-11/17/content_1499733.htm [Acedido em: 20 de fevereiro de 2019]

Yiwei Wang, “*Interconexão abre nova fase de globalização*”, 2014. http://paper.people.com.cn/rmrbhwb/html/2014-11/17/content_1499733.htm [Acedido em: 20 de fevereiro de 2019]

Zhao, Kejin, “Os dez principais problemas que não devem ser evitados no âmbito da Iniciativa Faixa e Estrada”, disponível em <https://pit.ifeng.com/event/special/yidaiyiludiao/yan/chapter9.shtml> [Acedido em: 16 de abril de 2019]

6. Anexos

Anexo 1 - Tabela A1: Parceria Estratégica China-Portugal (estabelecida em 2005)

Europe (15)	Russia	1996	1994 constructive partnership featuring good neighbourliness and mutually beneficial cooperation; 1996 partnership of strategic coordination based on equality and mutual benefit and oriented toward the 21st century; 2011 comprehensive strategic partnership of coordination
	France	2004	1997 comprehensive partnership; 2004 comprehensive strategic partnership; 2010 new, mature and stable comprehensive strategic partnership based on mutual trust and mutual benefit and with a global perspective; 2014 close and lasting comprehensive strategic partnership
	Germany	2004	2004 a partnership of global responsibility within the framework of Sino-European comprehensive strategic partnership; 2014 all-dimensional strategic partnership
	Italy	2004	1998 comprehensive partnership; 2004 stable, friendly, long-term and sustainable strategic partnership
	UK	2004	1998 comprehensive partnership; 2004 comprehensive strategic partnership
	Spain	2005	2005 comprehensive strategic partnership
	Portugal	2005	2005 comprehensive strategic partnership
	Greece	2006	2006 comprehensive strategic partnership
	Denmark	2008	2008 comprehensive strategic partnership
	Serbia	2009	2009 comprehensive strategic partnership
	Ukraine	2011	2011 strategic partnership
	Poland	2011	2004 friendly cooperative partnership; 2011 strategic partnership
	Ireland	2012	2012 strategic partnership of mutual benefit
	Belarus	2013	2013 comprehensive strategic partnership
	European Union (EU)	2003	1998 long-term and stable constructive partnership facing the 21st Century; 2001 comprehensive partnership; 2003 comprehensive strategic partnership

Fonte: Zhongping e Jing (2014:18)

Anexo 2 - Apresentação do projeto da exposição “A Infância na Minha Família”

Projeto Público de Intercâmbio de Artistas Juvenis entre
Cantão e as Cidades-irmãs Internacionais | 2017-2018
“A Infância na Minha Família”

Organizador: Guangzhou Children's Palace, China

Coorganizador: Observatório da China, Portugal

2017-2018 Projeto Público de Intercâmbio de Artistas Juvenis entre Cantão e as Cidades-irmãs Internacionais

“A Infância na Minha Família” –

Plano de Recolha de Retratos de Família e Exposição de Pinturas Juvenis

Sobre os organizadores:

O Guangzhou Children's Palace/ Palácio das Crianças de Cantão (em chinês: 少年宫) é uma entidade pública chinesa, com a finalidade de desenvolver actividades extracurriculares, para as crianças, como aprender música, línguas estrangeiras, habilidades informáticas e praticar desportos. Em cidades maiores, cada distrito criou o seu próprio Palácio das Crianças, enquanto também existe um Palácio das Crianças da Cidade, cujo auditório e planetário maior são compartilhados pelos filhos dos distritos da cidade.

I. O Plano de Recolha

Muitas vezes existe um distanciamento/ lacuna entre os adultos e as crianças. Por um lado, as crianças tendem a crer que os adultos nunca foram crianças, por outro, os adultos perdem, igualmente, a noção de como eram enquanto crianças. Talvez seja necessário parar, por momentos, e fazer uma retrospeção. Neste mesmo sentido, pretende-se, com este projeto, permitir que às crianças de hoje em dia descubrirem como foi a infância dos seus antecessores, assim como relembrar, aos pais ou avós, de como foi a sua infância.

Através da recolha de desenhos de crianças e retratos de família, a atividade “A infância na minha família” tem como objetivo auxiliar os pais e os seus filhos a descobrir e rever a sua história familiar, juntos, fazendo com que as famílias das diferentes gerações partilhem as suas vivências, relativamente à sua própria infância, promovendo deste modo a sua intercomunicação e entendimento mútuo.

Para além disso, as fotografias reunidas de infância das várias gerações, de diferentes famílias e diferentes países, irão refletir a evolução do conceito de infância face às várias modificações económicas e culturais, possibilitando assim, o registo de uma viagem e as mutações conceptuais das crianças e a infância nos vários contextos culturais.

O que distancia este projeto de outros, é o facto de que, neste caso, a atividade não só se concentra na recolha das obras em si, mas essencialmente no seu processo de execução, isto é, no proporcionar da comunicação e compreensão mútua entre pais e filhos.

II. Formatos da Atividade

A recolha e avaliação de obras de artes visuais, realização de exposições, fazendo álbuns de pintura.

Público-Alvo

Idade: 4-18

Sem limitações em termos de nacionalidade ou região.

III. Conteúdo

1 ~ 3 Fotografias das crianças com elementos do seu agregado familiar. As fotografias devem ser tiradas sob orientação dos pais (ou avós). Para obter detalhes sobre as especificidades exigidas, relativamente à fotografia, consulte o anexo 1, “Como reunir e tirar fotos sob o tema “Imaginar a infância dos pais e dos avós” – uma orientação para pais e professores.

IV. Data limite de entrega

15 de dezembro de 2017

V. Submissão

- 1) Todas as obras devem ser enviadas, juntamente com os formulários de candidatura, via e-mail por parte do agregado familiar para a entidade acolhedora (instituição/escola).
- 2) Morada:

Wu Qunxia (吴群霞)

Fine Arts School Office

406 No.2 building
Guangzhou Children and Teenagers' Palace
No. 167, Dongfengxi Road, Guangzhou
ou: Zeng Qingbin
Fine Arts School Office, 306
The Second Children and Teenagers' Palace of
Guangzhou
No. 273, Huajiu Road, Pearl River New
District, Guangzhou, Guangdong Province,
China

3) A versão digital das fotografias deve ser enviada para gongqingsng@163.com, com o assunto: “País (região) + Cidade + Nome da Criança”.

4) Pinturas, fotografias e versões digitais de fotografias não serão devolvidos, portanto, mantenha uma cópia da obra para si antes de proceder à sua submissão.

VI. Prémio

- 1) Todos os indivíduos e famílias que participarem neste projeto receberão certificados, as suas obras estarão expostas no website oficial do concurso, assim como reunidas no “álbum memorial”.
- 2) As melhores obras serão selecionadas para expor na Exposição Dupla Anual de Obras Públicas de Artistas Juvenis, em 2018. Os proprietários dessas obras receberão um “álbum memorial”, para além dos respetivos certificados.
- 3) As instituições públicas e professores que participem nesta atividade serão igualmente premiados e certificados.

VII. Contacto

吴群霞 电话: +86 20 81362355; +86 20 81367016

Wu Qunxia (吴群霞) TEL: +86 20 81362355;

+86 20 81367016

曾庆斌 电话: +86 20 37857016;

Zeng Qingbin (曾庆斌) TEL: +86 20 37857016

Anexo

- 1) Como Recolher e Tirar os Retratos em Família para a Exposição – Guia de Orientação para Pais
- 2) Como Criar “Imaginar a infância dos pais e dos avós” – Guia de Orientação para Pais e Professores
- 3) Formulário de Candidatura

Anexo I

Como e Tirar Retratos em Família para a Exposição – Guia de Orientação para Pais

Exmo(a). Senhor(a)

É com enorme agrado que verificamos o seu interesse em participar no projeto “A Infância na Minha Família” – Plano de Recolha para a Exposição de Fotografias

Familiares e de Pinturas Juvenis. Esperamos que você e os seus filhos consigam reunir as fotografias sobre a infância dos seus familiares, de acordo com os seguintes procedimentos e requisitos:

- 1) Seleção: Por favor, incentive os seus filhos a reunir e escolher fotografias sobre a sua infância e/ ou das gerações mais velhas da sua família (ou seja, a infância dos avós, ou outros antecessores). A fotografia pode ser a cores ou a preto e branco, ambos formatos serão aceites. Envie uma a três fotografias. Sendo que as pessoas das fotografias deverão ter idade equivalente à do filho em questão.
- 2) Ampliação: amplie as fotografias selecionadas por resolução, digitalização e/ ou outro meio. As fotografias deverão ser maiores, e/ ou, do mesmo tamanho que uma folha de papel A4.
- 3) Selecionar fotografias tiradas de membros mais velhos da família: As crianças devem escolher um fundo (artificial, natural, ou decorado, etc.), e depois tirar três fotografias de tamanho uniforme. A sua imaginação é bem-vinda para fazer uma imagem vívida e interessante.
- 4) Submissão: Aviso: Envie as três fotografias de família dos seus filhos com um

element de uma geração mais velha da família.

- 5) Tamanho da fotografia: Envie as versões impressas e digitais das suas fotografias. O tamanho da versão impressa não deve ser inferior a A4, e a precisão da versão digitalizada não deve ser inferior a 500dpi.
- 6) Morada: Por favor consulte:

Encorajamos a criatividade, com base nos procedimentos acima mencionados, na ótica de representar a infância dos membros da sua família de diversas maneiras.

Anexo II

Como Criar “A Infância na Minha Família” – Guia de Orientação para Pais e Professores

Exmo/a.(s) Prof.(a/s)/ Pais

Estamos muito felizes pelo interesse demonstrado em participar no projeto “A infância na minha família” – Plano de Recolha de retratos familiares e desenhos juvenis para exposição. Esperamos que quando seus alunos ou crianças estejam no processo de reunião das fotografias, estes possam arranjar oportunidade para gravar alguns dos momentos de surpresa, descoberta para que se possa partilhar esses sentimentos com um público maior. Essa é a finalidade da parte – “Como Criar” A Infância na Minha Família”.

- 1) Selecione a actividade, a desenvolver, de acordo com as seguintes sugestões:
- 2) Tema: Imagine a infância das gerações mais velhas

A principal tarefa desta fase é de que as crianças imaginem a infância das gerações mais velhas da sua família, e expressem os seus pensamentos sob a forma de pintura, artesanato, palavras ou voz + VCR/ vídeo, ficando ao seu critério.

- 3) Esta tarefa poderá ser finalizada antes da recolha de fotografias ou depois dela.
- 4) Formato:
 - Trabalhos de Belas Artes (incluindo lápis, canetas, canetas coloridas, aguarelas, outros tipos de tinta, gouache, colagens, podendo ser planos ou com relevo. O tamanho dos planos deve ser 4K ou A3)
 - Palavras
 - Vídeo/ DVD
 - VCR (registo das emoções ou de todo o processo de elaboração do projecto) Grave em DVD e envie o disco.

- 5) Requisitos de Submissão: Por favor entregue os trabalhos originais, não em moldura.
- 6) Morada: Por favor consulte:

Estamos ansiosos para a sua criatividade na diversificação de apresentação do registo deste processo.

Anexo III

Formulário de Candidatura

Nome		Idade		Género		Instrutor	
Pais (Região)		Instituição/ Escola					
Morada							
Telefone		E-mail					
Formato	Identifique a Tipologia do Trabalho						
	<input type="checkbox"/> Fotografias da criança com membros familiares <input type="checkbox"/> Imagine a infância das gerações mais velhas da sua família			Formato: <input type="checkbox"/> Obras de Belas Artes <input type="checkbox"/> Palavras <input type="checkbox"/> DVD/ Vídeo			